

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E
RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

LARA BET MENEGHEL

**PODER CULTURAL AMERICANO:
INFLUÊNCIA DAS POLÍTICAS AMERICANAS DURANTE A GUERRA
FRIA DENTRO DOS QUADRINHOS: UM ESTUDO DE CASO DO
HOMEM DE FERRO**

FLORIANÓPOLIS

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Meneghel, Lara Bet
Poder Cultural Americano: Influência das políticas
durante a Guerra Fria dentro dos quadrinhos: Um estudo de
caso do Homem de Ferro / Lara Bet Meneghel ; orientador,
Patrícia Fonseca Ferreira Arienti, 2019.
79 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio
Econômico, Graduação em Relações Internacionais,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Relações Internacionais. 2. Homem de Ferro. 3.
Comunismo. 4. Guerra Fria. 5. Quadrinhos. I. Fonseca
Ferreira Arienti, Patrícia . II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Graduação em Relações Internacionais. III.
Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS
DISCIPLINA MONOGRAFIA – CNM 5240

LARA BET MENEGHEL

PODER CULTURAL AMERICANO:

**INFLUÊNCIA DAS POLÍTICAS AMERICANAS DURANTE A GUERRA
FRIA DENTRO DOS QUADRINHOS, UM ESTUDO DE CASO DO HOMEM
DE FERRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Relações Internacionais.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Patrícia Fonseca
Ferreira Arienti

FLORIANÓPOLIS

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A Banca Examinadora decidiu atribuir a nota 9,50 a aluna Lara Bet Meneghel na disciplina CNM 7280 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Patrícia Fonseca Arienti

Prof. Dra. Marialice de Moraes

Me. Pedro Lange Netto Machado

*“Sente-se à minha direita, até que eu coloque
seus inimigos como estrado para seus pés? ”*

(Hebreus 10:13)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, aos meus pais, Maricelma e Angelo por me darem todo suporte, apoio e amor. Vocês formaram a pessoa que eu me tornei hoje. Obrigada por serem meu porto seguro.

A minha querida tia Lurdes, por dedicar a vida dela a me ajudar nesse processo tão difícil que é crescer.

Obrigada por todo o amor.

Aos meus familiares, primos, tias e avós por sempre estarem prontos para me dar um abraço quando eu mais preciso.

As minhas eternas almas gêmeas e amigas Debora e Julia, por fazerem a vida suportável, por nunca me abandonarem nessa caminhada tão árdua.

A Juliana, por ser a irmã que o universo me enviou, você é minha família em Floripa, minha mais querida confidente.

Obrigada por fazer sentir em casa.

A Gabriela, Ana, Cacau, Milena e Bruna por serem minha base, meus amigos queridos. A amizade que levarei para vida toda e que nutrirei diariamente.

Aos meus colegas de turma da 14.2, por serem um leve vento num momento tão turbulento que é a faculdade e sempre me fazerem sorrir.

A Fernando meu colega, amigo e irmão por nunca largar minha mão nos momentos difíceis.

Obrigada por estar aqui

Minhas amigas do colégio Luiza, Paola, Larissa, Leticia, Natalia e Gyowanna. Por sempre estarem ao meu lado mesmo depois de anos.

Obrigada pela amizade verdadeira

Aos demais amigos desta vida, estou sempre disposta ajudar e estar presente.

Obrigada por todos os momentos vividos.

A equipe e liga de quadrinhos, Vinicius Werneck, Isis Miura, José Cordeiro, Nemo e Ale.

Vocês me deram um rumo para vida, um caminho para seguir e o sentimento de pertencimento que tanto busquei.

Obrigada por me fazerem sentir parte de algo maior.

Ao professor Mário Coelho, pela paciência e carinho de educar todos os alunos sem descrições.

Obrigada por revolucionar a magistratura ao meu ver.

A meu companheiro Guilherme, por estar ao meu lado em todos os momentos, nas tristezas e alegrias e por sempre ter a paciência de não me deixar cair.

Obrigada por todo amor.

À minha orientadora, Patrícia Arienti, pelo carinho e amor com que educa seus alunos.

Obrigada por ser além de uma excelente professora, alguém que eu posso chamar de amiga.

A UFSC e a todas as universidades públicas por levar a educação de qualidade sem medir esforços.

Obrigada por mudar esse Brasil

Por fim, a Viviane, que me guia e protege, sua luz sempre habitará dentro de mim.

Obrigada por ter passado pela minha caminhada.

Obrigada por tudo.

RESUMO

A monografia presente tem como objetivo delimitar o papel das políticas estadunidenses para a construção do inimigo soviético durante a Guerra Fria. Além disso, este trabalho utiliza da análise deste inimigo para mostrar como essas políticas influenciaram a criação de histórias dentro dos quadrinhos, em especial no Homem de Ferro, objeto de estudo, para construção do imaginário do vilão soviético. Também é apresentado como os Estados Unidos da América combateu o comunismo através das mídias, no caso, os quadrinhos no início dos anos de 1960. Para isso, foram analisadas tanto as políticas públicas criadas por cada presidente estadunidense durante o período da Guerra Fria determinado - de 1945 a 1964 – quanto os fatores econômicos que levaram os Estados Unidos da América a buscar uma confrontação ideológica direta com o governo socialista imposto pela URSS. O foco da análise é uma seleção dos vinte quadrinhos iniciais do Homem de Ferro para compreender não só como esse inimigo era apresentado para sociedade norte-americana, mas também suas motivações.

Palavras-Chaves: Influência Estadunidense. Comunismo. Guerra Fria. Quadrinhos. Homem de Ferro.

ABSTRACT

This monograph aims to delineate the role of US policies for the construction of the Soviet enemy during the Cold War. In addition, this monograph analyzes this enemy to present how these policies influenced on comic books stories creation, especially in Iron Man, object of study, to construct the imagery of the Soviet villain. It is also presented how the United States of America fought communism through the media, in this case, comics in the early 1960s. For this, it was analyzed both the public policies created by each US president during the period of the Cold War determined - from 1945 to 1964 - as well as the economic factors that led the United States to seek a direct ideological confrontation with the socialist government imposed by the USSR. This monograph focus on the selection of Iron Man's first 20 comics to understand not only how this enemy was presented to the American society, but also their motivations.

Key words: American influence. Communism. Cold War. Comics. Iron Man.

LISTA DE SIGLAS

CCA: *Comics Code Authority*

CMAA: *Comics Magazine Association of America* ou Associação Americana de Revistas em Quadrinhos

EUA: Estados Unidos da América

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gastos militares do governo dos Estados Unidos (1790 a 1999) em % do PIB.....	31
Figura 2 – Gastos militares em bilhões de dólares pelos EUA.	34
Figura 3 – Participação de gastos militares (barras escuras) e não militares (barras claras) anuais em relação do PIB dos EUA.....	35
Figura 4 – A sailor reads a comic book aboard the USS Doran in 1942.	43
Figura 5 – American troops read comic books during the Korean War in 1951.....	43
Figura 6 – Captain America #1.....	44
Figura 7 – <i>Bullets or Words: A brief presentation of the mission, aims and techniques of psychological warfare</i>	45
Figura 8 – Capa da edição Brides Romances #17 (fevereiro de 1956).....	51
Figura 9 – Capa da edição Brides Romances #5 (maio de 1954).....	51
Figura 10 – Distribuição das temáticas da <i>Tales of Suspense</i> das edições 39 a 58.	60
Figura 11 – Distribuição das temáticas da <i>Tales of Suspense</i> das edições 39 a 58, considerando a presença do comunismo implícito.....	60
Figura 12 – <i>Tales of Suspense</i> #39 (capa).....	62
Figura 13 – <i>Tales of Suspense</i> #39 (página 3).	62
Figura 14 – <i>Tales of Suspense</i> #42 (capa).....	63
Figura 15 – <i>Tales of Suspense</i> #39 (página 2).	65
Figura 16 – <i>Tales of Suspense</i> #39 (página 7).	67
Figura 17 – <i>Tales of Suspense</i> #39 (página 12).....	67
Figura 18 – <i>Tales of Suspense</i> #46 (capa).....	68
Figura 19 – <i>Tales of Suspense</i> #48 (página 3).	68
Figura 20 – <i>Tales of Suspense</i> #49 (página 18).....	69
Figura 21 – <i>Tales of Suspense</i> #40 (página 2).....	70
Figura 22 – <i>Tales of Suspense</i> #53 (página 6).	72

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	OBJETIVOS	14
1.1.1	Objetivo geral.....	14
1.1.2	Objetivos específicos.....	15
2	GUERRA FRIA: A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM GERAL	17
2.1	DESENVOLVIMENTO DA GUERRA FRIA: A FASE DE FORMAÇÃO	17
2.2	PRESIDENTES AMERICANOS NO PÓS GUERRA.....	20
2.2.1	Truman (1945 a 1953) e os novos pilares americanos	20
2.2.2	Dwight D. Eisenhower (1953 a 1961) e a indústria armamentista	23
2.2.3	John F. Kennedy (1961 a 1963) e o marketing político	25
2.2.4	Lyndon B. Johnson (1963 a 1969)	27
2.3	O ESTADO FORDISTA: CONSUMO DAS MASSAS.....	28
2.4	A INDÚSTRIA DA ARMA: MERCADO EXPANDIDO.....	30
2.4.1	Novos consumidores	36
2.5	INIMIGO FORMADO: OUTRO ANTAGONISTA	37
3	GUERRA FRIA E OS QUADRINHOS.....	40
3.1	PROIBIÇÕES DOS QUADRINHOS EM 1954.....	46
3.2	O REINVENTAR DA MARVEL: A VOLTA DOS SUPER HERÓIS – ERA DE PRATA DOS QUADRINHOS	52
3.3	HOMEM DE FERRO E O COMUNISMO.....	54
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	75

1 INTRODUÇÃO

Com o pós Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos da América passaram por uma fase de ajustamento no cenário global. Antes das guerras os EUA possuíam uma política de isolacionismo perante as outras nações. Mas após esses conflitos, o país não apenas se abre para o comércio internacional como se torna uma das maiores potências capitalista. Com o fim das guerras, esse mercado de exportação de excedente se enfraquece, principalmente pela diminuição do poder aquisitivo dos países que entraram nas guerras. Do outro lado, a URSS no pós Segunda Guerra Mundial aumentou seu território e estabeleceu uma nova forma de governo, baseado no socialismo, no qual o livre mercado deveria ser controlado pelo Estado. Com os países capitalistas mais desenvolvidos enfraquecidos no imediato pós-guerra, os EUA se colocam como financiadores do modelo capitalista, precisando, assim, proteger seu modelo. Como estratégia para a consolidação de um modelo capitalista num mundo dividido entre o capitalismo e o comunismo, a necessidade de gerar na população um temor em relação a uma sociedade dominada por um sistema não capitalista, e da idealização de um vilão, foi um dos elementos a sustentar o crescimento da economia norte americana no pós Segunda Guerra Mundial.

Dentre as diferentes formas que os EUA adotaram para disseminar o patriotismo estadunidense, o anticomunismo e a disseminação da cultura norte americana se destacam os quadrinhos, especialmente nesta primeira fase da Guerra Fria – dos anos 1940 a 1960 - pela abordagem direta da construção tanto moral quanto física do inimigo. Por isso, a necessidade de estudar esse meio de comunicação que foi influenciado diretamente pelas políticas da época e que influenciou seus leitores na construção de um inimigo ao estilo capitalista de sociedade.

Nesse sentido, os acontecimentos anteriores e presentes na criação das obras são mecanismos que os escritores e quadrinistas utilizam para conectar seus personagens ao leitor comum.

O objetivo desse trabalho é analisar como, no caso dos quadrinhos e do gênero dos super-heróis, a política norte-americana daquela época foi narrada através de um herói que representava os pilares da cultura estadunidense. Para tal, a análise dos quadrinhos do Homem de Ferro mostra como seus autores misturam a ficção com a realidade para expressaram o medo no período da Guerra Fria, assim como desenvolverem o imaginário sobre o inimigo comunista e a ameaça socialista ao bem-estar norte-americano.

O objeto de análise desse trabalho é, portanto, o personagem Homem de Ferro, e o período analisado compreende a confrontação (1947-1962) e a coexistência pacífica (1962-1969) (PECEQUILO, 2003). O personagem surge com a eclosão da Guerra do Vietnã e a interferência estadunidense em 1959, e sua criação é fruto do momento vivido pelos Estados Unidos da América no cenário mundial. Suas próprias características de personalidade foram baseadas nos ideais capitalistas norte-americanos: o herói era empresário da indústria bélica, a favor da democracia, do livre comércio e da liberdade de expressão e, acima de tudo, o Homem de Ferro fazia questão de levar esses ideais norte-americanos para todas as nações que defendia. Porém, por trás deste personagem é importante analisar a forte ligação das histórias dos quadrinhos com a conjuntura política da época, além de compreender o porquê de se ter esse inimigo tão presente.

Nesse sentido, um dos objetivos específicos do trabalho é analisar os três pilares que foram responsáveis pela construção de um inimigo norte-americano. O primeiro pilar é o sistema econômico norte americano, ou seja, o capitalismo, que passou a ter que competir com outro sistema vigente, o socialismo, que, por sua vez, ameaçava principalmente o consumo e a expansão da economia estadunidense. O segundo pilar é a influência da indústria bélica na economia estadunidense e o último pilar é o fortalecimento dessa indústria durante a Guerra Fria.

Para tratar desse período histórico, do pós Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria, fontes secundárias são utilizadas, tais como os trabalhos de Hobsbawm com A Era dos Extremos (HOBSBAWM, 1995) e Cristina Pecequilo com A Política Externa dos Estados Unidos (PECEQUILO, 2003). Dados mais quantitativos também são apresentados, buscando mostrar o papel da indústria bélica para os Estados Unidos.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho de pesquisa é avaliar a utilização dos quadrinhos, nos anos de 1960, para a construção da política de combate ao comunismo e propagação do americanismo por meio dos quadrinhos.

1.1.2 Objetivos específicos

Para alcançar o objetivo geral, alguns mais específicos foram definidos, quais sejam:

- (i) levantar as perspectivas teóricas acerca da formação da Guerra Fria;
- (ii) analisar conceitos sobre o americanismo e a economia estadunidense durante o período da Guerra Fria;
- (iii) descrever os eventos históricos que impactaram na formação da cultura anticomunista;
- (iv) desenvolver o estudo de caso sobre o Homem de Ferro e as influências da Guerra Fria em sua narrativa.

Esta pesquisa foi elaborada no formato qualitativo-exploratório. Segundo Gil (2008) esse é um formato no qual um tema é delimitado e especificado, e sobre o qual é explorado toda sua possibilidade de estudo, utilizando deste caso, uma pesquisa bibliográfica para referenciar e comprovar o tema analisado, além de estudo de casos. É qualitativa pois relaciona o mundo real com o objeto de estudo, que não pode ser traduzido em números. (GIL, 2008). Ela consiste na atribuição da explicação dos fatos através da interpretação, não utilizando de métodos e técnicas estatísticas, usando com fonte direta a coleta de dados. (GIL, 2008). O processo de análise é o foco, sendo descritiva e seus dados são analisados indutivamente (GIL, 2008).

Dentro desta perspectiva de forma de análise, foram levantados artigos sobre a construção do ideal da Guerra Fria dentro dos EUA para compreender, principalmente, como a economia norte-americana se comportava após o final da Segunda Guerra Mundial e o impacto do excesso da produção. Posteriormente, são discutidas teorias sobre a influência do americanismo na cultura dos quadrinhos por meio da sua conceituação como consenso cultural, com base em teorias clássicas da hegemonia e construção do poder soberano (*American Way of Life*). Para a conceituação, foram analisados vinte quadrinhos das histórias do Homem de Ferro, publicados nos anos de 1960, que apresentam a construção do personagem moldado pela atmosfera da Guerra Fria em sua formação.

A pesquisa utilizou fontes de informações primárias e secundárias para avaliar o contexto histórico durante o período do pós Segunda Guerra Mundial, as influências das políticas públicas nas mídias dos quadrinhos e os discursos oficiais dos presidentes no período em questão.

A hipótese do trabalho é que quadrinhos refletiram o consenso norte-americano acerca

do estilo capitalista de governo, estimulado principalmente pela dualidade de formas de governo impostas na guerra fria. Tanto o capitalismo quando o socialismo disputavam ser a referência de bem-estar para o mundo, e os quadrinhos foram uma das mídias que reforçaram o papel dos Estados Unidos da América como o exemplo do país capitalista a ser seguido.

2 GUERRA FRIA: A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM GERAL

O presente capítulo analisa a evolução das políticas adotadas pelos Estados Unidos durante o período da Guerra Fria entre 1945 a 1965. Em seguida, o capítulo apresenta a consolidação do modo de produção fordista como a racionalização do trabalho com profundas implicações na vida sociopolítica e cultural dos trabalhadores, visando adaptar a classe operária ao novo padrão de acumulação de capital e restabelecer o desenvolvimento econômico da sociedade capitalista (Americanismo). O capítulo mostra também a importância dos gastos bélicos para a consolidação da produção fordista e da economia estadunidense, gerando, portanto, a necessidade de construção de um inimigo comum capaz de justificar para a população a alocação de parte significativa do orçamento público em despesas militares. Segundo dados da Casa Branca, o fim da Segunda Guerra Mundial reduziu o gasto total das despesas militares para 14,0% do PIB, já em 1949 com a Guerra da Coreia os gastos aumentaram para 19,9%, as despesas militares após a Guerra da Coreia ficaram entre 16,1 e 18,3% até aumentar em meados dos anos de 1960 com a Guerra do Vietnã (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2018). Durante os anos de 1962 e 1964 por exemplo, os gastos com defesa militar representavam respectivamente, 46,9% e 44,4% do valor total do orçamento público estadunidense (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2018). Os valores do departamento de defesa e programas militares estadunidenses aumentaram significativamente comparados com antes da Segunda Guerra Mundial onde eles representavam em 1930, por exemplo, cerca de 4 % do PIB (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2018).

2.1 DESENVOLVIMENTO DA GUERRA FRIA: A FASE DE FORMAÇÃO

O período compreendido entre o final da Segunda Guerra Mundial e a queda do muro de Berlim (1989) é o período que os historiadores denominam de Guerra Fria, em que a União da República Socialista Soviética (URSS) se posiciona como o concorrente direto à hegemonia mundial norte-americana (PECEQUILO, 2003).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial a bipolaridade funcionou como um elo econômico global, onde os Estados escolhiam seus lados dentro de uma plataforma que não era meramente política ou territorial, mas também econômica (PECEQUILO, 2003). Neste cenário, surgiu a incerteza de quais países permaneceriam como potências após a Segunda Guerra

Mundial, sendo a URSS considerada uma ameaça aos ideais norte-americanos, já que se posicionava contra a disputa dos mercados livres do capitalismo (PECEQUILO, 2003).

Durante a Guerra Fria, do ponto de vista da política dos EUA, ela foi caracterizada por diferentes estratégias ao longo dos anos. Inicialmente, em 1947, a política foi marcada pela abertura dos mercados americanos, onde EUA ocuparam a posição de pilar na condução dos negócios mundiais, iniciado na Segunda Guerra Mundial, fato que contribuiu para que os EUA atingissem o patamar hegemônico no cenário mundial (PECEQUILO, 2003).

Surgiu uma disputa bipolar, onde os EUA e a URSS se tornaram orientadores não apenas das políticas das nações, mas também dos alinhamentos políticos aos blocos ocidentais e orientais (PECEQUILO, 2003). Com essa linha traçada entre governos capitalistas e comunistas, adotou-se uma estratégia política conhecida como “confrontação”, na qual buscava-se a contenção do comunismo para a expansão da democracia e dos livres mercados, uma vez que um dos pilares fundamentais do comunismo é o controle do governo sobre o capital (PECEQUILO, 2003). Ambas as nações se reconheciam como inimigas mútuas, havendo períodos de maior ou menor intensidade na disputa, inclusive, períodos de tensão nuclear. O risco da aniquilação global criou uma zona de medo entre os Estados, não ficando exclusivo entre as duas potências, uma vez que o impasse de uma guerra concreta poderia levar a resultados catastróficos em âmbito global (PECEQUILO, 2003). Para sustentar a posição frente aos seus concorrentes, as nações do bloco capitalista e do bloco socialista estavam em uma constante corrida por tecnologias que garantissem melhores e maiores quantidades de armas possíveis para demonstrar a superioridade de seus regimes (PECEQUILO, 2003).

Segundo Biagi (2001), o início da Guerra Fria era compreendido em dois pontos fundamentais. O primeiro ponto era que com o fim da Segunda Guerra a URSS ao assumir uma parte da Alemanha derrotada, demonstrou seu interesse em expandir o socialista para o resto do mundo (BIAGI, 2001). O outro ponto é baseado na construção norte-americana, que para justificar suas ações de intervenção fora de seus territórios, começou a usar desse aumento de países se tornando comunistas para intervir em outros Estados com o viés de conter o comunismo (BIAGI, 2001). Naquele momento, nenhuma nação capitalista esperava que a URSS agisse de forma branda, era esperado que sua política se baseasse em um governo forte, que não aceitaria negócios com o capital capitalista. (PECEQUILO, 2003). Essa postura era inviável para a forma de produção norte-americana.

Hobsbawm (1995) destaca durante o pós Segunda Guerra Mundial tanto os Estados Unidos da América quanto a URSS acabaram se tolerando, pois, naquele momento não

representavam uma ameaça eminente para cada um dos governos “Os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial ” (HOBSBAWM, 1995, p 179). O autor descreve que, as forças Armadas comunistas ou Exército vermelho (popularizado pelos ocidentais) aplicavam uma influência sobre os territórios dominados pós Segunda Guerra Mundial, e não tentavam expandi-lo com o uso de força bélica (HOBSBAWM, 1995). Já os EUA dominavam uma zona de influência sobre a toda área capitalista, assumindo o posto que era das antigas hegemonias imperiais das potências coloniais. Buscando uma paz velada, principalmente com as ameaças nucleares após o término na guerra, ambas potências concordaram em não intervir na zona influência da outra (HOBSBAWM, 1995).

Foi apenas quatro anos após Hiroshima e a bomba atômica de 1949 que a URSS adquiriu armamento nuclear (HOBSBAWM, 1995). Com isso, a guerra armada se tornou mais perigosa para ser utilizado com instrumento de política, e nove meses após a bomba de hidrogênio (1953), ambas as potências compreenderam que esse tipo de ação, utilizado por antigas políticas e governos passados, não seria mais aceito nos períodos vigentes pois seria uma guerra suicida (HOBSBAWM, 1995). De fato, esse armamento poderia ter sido utilizado na Guerra da Coreia em 1951, ou para salvar os franceses no Vietnã em 1954, ou mesmo no caso da URSS *versus* China em 1969. (HOBSBAWM, 1995). No entanto, em nenhum desses casos utilizaram desses armamentos. Embora, segundo Hobsbawm (1995), ambos os países (Estados Unidos e União Soviética) utilizaram da premissa da posse de armas nucleares para acelerar negociações de paz tanto na Coreia quanto no Vietnã em 1953 e 1954. A mesma estratégia é utilizada pela URSS para constranger a Grã-Bretanha e a França para saírem de Suez em 1956.

Infelizmente, a própria certeza de que nenhuma das superpotências iria de fato querer apertar o botão nuclear tentava os dois lados a usar gestos nucleares para fins de negociação, ou (nos EUA) para fins de política interna, confiantes em que o outro tampouco queria a guerra. Essa confiança revelou-se justificada, mas ao custo de abalar os nervos de várias gerações. A crise dos mísseis cubanos de 1962, um exercício de força desse tipo inteiramente supérfluo, por alguns dias deixou o mundo à beira de uma guerra desnecessária, e na verdade o susto trouxe à razão por algum tempo até mesmo os mais altos formuladores de decisões. (HOBSBAWM, 1995, p 182).

A coexistência das duas potências (EUA e URSS) exigiu que ambas assumissem a responsabilidade de preservar a ordem mundial, assim, mesmo em meio a constantes disputas, dois interesses comuns eram preservados (i) a manutenção das estruturas das relações

internacionais dominadas pelas potências e (ii) a prevenção da guerra nuclear (PECEQUILO, 2003).

O período de análise do trabalho refere-se à primeira fase da Guerra Fria e abrange dois períodos específicos (PECEQUILO, 2003):

- a) o imediato pós Segunda Guerra Mundial até a segunda metade da década de 1950, conhecido como a época da “Confrontação”. Durante esse período, os Estados Unidos detiveram a hegemonia mundial, refletindo a “era de ouro” da liderança e da paz norte-americana;
- b) o período denominado de “Evolutivo”, que iniciou em 1955 e terminou no começo dos anos 1960, que segundo Pecequilo (2003) é o período em que a URSS acirrou a disputa bipolar alcançando a paridade estratégica com os EUA.

Com o reconhecimento da URSS como a potência internacional no mundo comunista, o Presidente Truman em seu discurso do dia 12 de março de 1947, anunciou que os países capitalistas deveriam se proteger da ameaça socialista, adotando uma estratégia de “Confrontação”, com o intuito de garantir a manutenção da influência norte-americana em territórios internacionais, marcado principalmente pela criação do Plano Marshall¹ e pela OTAN² (PECEQUILO, 2003).

2.2 PRESIDENTES AMERICANOS NO PÓS GUERRA

2.2.1 Truman (1945 a 1953) e os novos pilares americanos

Sobre a criação do perfil do inimigo soviético, os norte-americanos entendiam que a prosperidade econômica impulsionada pelos gastos com a Segunda Guerra Mundial talvez fosse reduzida num período de extrema paz (BIAGI, 2001). Foi durante o mandato de Harry S. Truman, 1945 a 1953, que a produção industrial estadunidense teve uma queda de 30% causando desemprego e perdas principalmente para as Forças Armadas, antes extremamente

¹ Plano Marshall: “Concebido pelo secretário de Estado, George Marshall. O Plano consistia em uma política de estabilização dos países da parte Ocidental da Europa. O que chama a atenção, contudo, é o fato de serem evidentes as semelhanças entre o Plano de Reconstrução Europeia e a proposta delineada por John M. Keynes, a qual havia sido rejeitada pelos Estados Unidos, em 1944. Dentre os objetivos principais do Plano Marshall estavam a expansão do comércio internacional, a garantia da estabilidade financeira interna e o desenvolvimento da cooperação econômica europeia.” (SIMON, 2011, p. 26).

² OTAN: Organização do Tratado do Atlântico Norte, é uma aliança militar intergovernamental que foi retificada em 4 de abril de 1949. (PECEQUILO, 2003)

mobilizadas pelas guerras. (BIAGI, 2001) Truman buscou conferir a supremacia norte-americana no mundo para sustentar o nível de consumo e a prosperidade econômica. Pecequillo (2003) comenta que havia um temor a qual os Estados Unidos estivessem perdendo terreno para a União Soviética. O autor cita:

Para exercer uma política externa agressiva, o governo do democrata de Truman teria de convencer o congresso para tal, o que não era uma missão das mais fáceis: depois das eleições parlamentares de 1946, o congresso ficou com a maioria pertencente ao Partido Republicano, partido este cuja orientação política tendia, tradicionalmente, a favor de uma política isolacionista. Assim, a “criação” do inimigo soviético foi essencial para poder convencer o congresso da necessidade de uma política externa agressiva e participativa, pois os riscos da expansão comunistas eram muito grandes - mesmo não existindo, de fato, tais riscos. A guerra, então, continuou, mas com um outro inimigo: o nazismo sai de cena e entra o comunismo (Biagi, 2001, p.65).

Truman governou durante o período de 1945 a 1953, período entre o final da Segunda Guerra mundial e o início da Guerra Fria. Durante seu mandato a relação com a URSS seguiu os ideais descritos pelo diplomata Kennan de contenção de ideias comunistas - conter a influência soviética – essa foi a tática primordial de diplomacia de seu governo. (Biagi, 2001). Hamby (1995) afirmou que seu mandato foi centrado na política externa, principalmente no período entre 1945 e 1950, buscando os ideais do “socialismo liberal³” e defendendo a regulamentação do Estado, buscando uma aprovação da população através de políticas de bem-estar social.

Baczko (1985) vai descrever que para convencer a opinião pública nos EUA, o presidente Truman teve que utilizar do ideal do inimigo americano. Utilizando diversos meios para controlar o imaginário social⁴. Foi em seu governo que o medo do comunismo foi instalado, fazendo que os inimigos políticos de Truman, que eram contra a ideia de que havia um expansionismo comunista que precisava ser detido, fossem calados, sumissem de cena ou apenas perdiam seus empregos. (BACZKO, 1985). Quem não concordasse com as estratégias norte-americanas de contenção do comunismo era taxado como apoiador de tal regime, Truman conferiu seu poder executivo para executar suas políticas de combater o comunismo.

³ Liberalismo social: “São os direitos civis assegurados, onde a liberdade individual, os direitos de propriedade e o respeito individual tem um papel central no sistema de governo. Estou dizendo também que a coordenação da economia pelo mercado terá um papel maior do que supõem os estatistas e mesmo os democratas sociais”. (Bresser-Pereira 2018, p.5).

⁴ O imaginário social é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade. Trata-se de uma produção coletiva, já que é o depositário da memória que a família e os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano. (MORAIS, 2002)

(BACZKO,1985). Seu governo obrigou funcionários públicos a fazer juramentos à bandeira e seguir condutas que mostrassem o amor à pátria estadunidense. (BACZKO, 1985) O medo fortalecia a ideia dos EUA como pátria salvadora da democracia e o comunismo como uma ameaça “demoníaca” para o mundo. (BACZKO, 1985)

Biagi (2001) ainda vai dizer que Truman criou um ponto de vista nas relações exteriores norte-americanas, participando na criação de órgãos como as Nações Unidas – ONU- ajudando a reconstruir a Europa com o Plano Marshall, designando a Doutrina Truman contra o comunismo. Ele participou do início da OTAN em 1949. Mas teve sua popularidade diminuída com o fracasso do envio de tropas americanas para a Guerra da Coreia em 1950, onde a China interviu e as tropas da ONU foram repelidas, criando um descontentamento no final de seu mandato (BIAGI, 2001).

A criação da OTAN em abril de 1949 demonstrou ainda mais o medo das potências capitalistas do avanço soviético (BIAGI, 2001). A aliança da OTAN, em busca de um Estado de segurança nacional foi feito sem consentimento da população americana (BIAGI, 2001). Era um jogo de poder dos novos Estados imperialistas modernos (BIAGI, 2001). Na eleição presidencial, tanto Dewy, o candidato do partido de Truman, quanto o candidato Eisenhower, concordavam com a pauta de que o inimigo comunista deveria ser detido pelo Estado democrático americano (BIAGI, 2001). O mesmo padrão se repetiria na próxima eleição de Kennedy e Nixon (BIAGI, 2001). Além disso, todos incentivaram o alistamento militar para manutenção de paz e que simpatizantes dos ideais comunistas deveriam ser considerados inimigos da Segurança Nacional (Biagi, 2001).

Hobsbawm (1995) afirma que em 1953, com a revolta operária na Alemanha Oriental e a retórica armada dos Estados Unidos da América aos tanques soviéticos, a URSS percebeu que luta pela supremacia não seria mais de arsenal bélico tão declarado. Havia chegado o momento de utilizar diversos serviços ocultos, secretos e reconhecidos (HOBSBAWM, 1995). Foi com essa tensão internacional que a espionagem, assassinatos clandestinos chegaram a público através de um gênero ficcional (HOBSBAWM, 1995). Crimes e espões, gênero que criou personagens como James Bond do inglês Ian Fleming, heróis sutis de John le Carré, também britânico (HOBSBAWM, 1995). Todos com a base no serviço secreto ocidental *versus* oriental (HOBSBAWM, 1995).

Com o mandato de Truman novos pilares foram impostos da política estadunidense, principalmente o da intervenção estadunidense em todos os conflitos bélicos que fossem causados pela luta entre capitalismo e socialismo (HOBSBAWM, 1995). Foi em seu governo

que nasceu o Conselho Nacional de Segurança e a Agência Central de Inteligência (CIA), órgão independente do Departamento de Estado e do Congresso, outro desses pilares foi o fortalecimento de órgãos internacionais para proteção das ideias capitalistas, um exemplo foi a criação da OTAN e ajuda aos países europeus no pós Segunda Guerra Mundial com o plano Marshall. (HOBSBAWM, 1995).

No capítulo 3 será analisado como essas lutas e violência substituiu os heróis de guerra nas ficções, e isso causou problemas para a indústria de comunicações americanas, devido ao alto teor de violência e a paranoia da violência no âmbito doméstico com esses crimes (HOBSBAWM, 1995). “Contudo, a não ser em alguns dos países mais fracos do Terceiro Mundo, as operações da KGB, CIA e órgãos semelhantes eram triviais em termos de verdadeira política de poder, embora muitas vezes dramáticas” (HOBSBAWM, 1995, p.180).

2.2.2 Dwight D. Eisenhower (1953 a 1961) e a indústria armamentista

Já na eleição de Eisenhower havia a promessa que o caráter da contenção fosse mudado, que se buscasse o aprimoramento tecnológico para garantia da superioridade capitalista. (PECEQUILO, 2003). A população o elegeu em busca da segurança nacional, em oposição a Truman, alguém que não focasse tanto em problemas no exterior e buscasse resolver os problemas internos dos Estados Unidos da América (PECEQUILO, 2003). Foi um período de diminuição dos conflitos internacionais (MCAULIFFE, 1981).

Biagi (2001) vai descrever Eisenhower como, um político que misturava religião e política, pilares tradicionais da formação da cultura norte-americana. Com esses pilares, o senador criou um imaginário comunista oposto, de barbárie e ateísmo (BIAGI, 2001). Criou uma das maiores demonstrações anticomunistas da história dos Estados Unidos - o Macarthismo – entretanto, o medo da expansão comunista sobre esse viés do inimigo ao seu lado, assim como a prática de delatar pensamentos não tradicionais americanos, não foram aprovadas por parte da população (BIAGI, 2001). O terror causado pela ideia de caça aos comunistas dentro do senado nunca foi visto aos bons olhos para o presidente Eisenhower (BIAGI, 2001).

A descrição dos ideais de Eisenhower era sua visão tradicional, sobre o interesse em políticas relacionadas à segurança e defesa nacional. Porém o que foi visto em seu mandato foi um líder e um tomador de decisão extremamente excelente em política externa, mesmo que suas promessas de campanha voltassem se para seu próprio território suas ações demonstraram

que os EUA ainda não iriam mudar de atitude em relação a contenção do comunismo no território internacional (MCAULIFFE, 1981). Sobre a conduta de Eisenhower era visto que, tanto intelectuais quanto escritores populares, principalmente durante o Vietnã, elogiaram a forma a qual ele conduziu a redução do orçamento militar e alertou sobre o crescimento da influência do que ele chamaria de Complexo Militar e Industrial⁵ (MCAULIFFE, 1981). Porém novas informações indicaram o papel ativo de Eisenhower que aprovou operações secretas da Agência Central de Inteligência (CIA) em outros Estados, como Irã e Guatemala, onde as forças estadunidenses derrotaram governos hostis, confirmando que mesmo durante o governo de Eisenhower era utilizado métodos ocultos como alternativa à força direta. (MCAULIFFE, 1981).

Segundo o pensamento de McAuliffe (1981), o resumo do papel de Eisenhower como presidente, foi a busca pela segurança nacional. Pois mesmo que este apoiasse a contenção do comunismo, ele advertiu aos cidadãos estadunidenses sobre o perigo do Complexo Militar-Industrial, esses grupos chamados de Complexo Industrial-Militar eram redes governamentais e indústrias bélicas que movimentavam verbas governamentais (BIAGI, 2001). Em seu discurso, o presidente Eisenhower destacou principalmente o potencial perigoso que esse complexo poderia ter no governo estadunidense, podendo ser um risco a liberdade e aos processos democráticos (MENDONÇA, 2014).

Tanto a União Soviética quanto os Estados Unidos da América produziam arsenais nucleares, e buscavam ter tecnologias cada vez mais avançadas (MCAULIFFE, 1981). Principalmente na questão bélica, foi “equilíbrio do terror” tensão causada por ambas potências, EUA e URSS, por possuírem armamento nuclear, que gerou um equilíbrio que fez com que ambas as potências não entrassem em uma guerra física real (BIAGI, 2001).

O Complexo Industrial-Militar era justificado pelo governo inclusive por manter a paz entre as duas ideologias. Por isso Biagi (2001, p.91) salienta:

Complexo Industrial-Militar fazia parte da realidade das duas superpotências. Para a União Soviética, era quase que necessário efetuar gastos nessa área pois, além das pressões que os membros do Exército Vermelho constantemente faziam, era uma inesgotável fonte de arrecadação de rendas e de produção para o país. Os gastos com armamentos produziam muitos empregos diretos e uma série de empregos indiretos, o que fazia a economia soviética, mesmo que de maneira cambaleante, funcionar. Nesse sentido, a venda de armas transformou-se num grande comércio, tanto para os soviéticos quanto para os norte-americanos. Tal comércio precisava ser mantido e,

⁵ “Complexo militar-industrial foi utilizado pelo presidente americano Dwight D. Eisenhower para descrever o intrincado processo pelo qual os EUA cada vez mais produziam armas e tecnologias bélicas. Esse complexo influenciou e ainda influencia fortemente no desenho da política externa norte-americana”. (ALMEIDA, 2013, p. 4)

neste sentido, a ideia de um confronto entre as duas superpotências era perfeitamente lógica e aceitável para membros desses setores de ambos os lados.

O anticomunismo era um sentimento presente e coletivo na população estadunidense. Hobsbawm (1995) afirma que a própria nação definiu seus termos ideológicos – o americanismo – que em prática era o oposto do comunismo. O sentimento de americanismo levou burocratas, como J. F. Edgar Hoover (chefe do Departamento Federal de Investigações - FBI), a utilizarem o pressuposto de que se o comunismo vencesse em alguma nação, isso seria uma vitória na URSS. Foi utilizado o termo do agressor potencial para justificar as ações preliminares em outros países e a caça de comunistas em território norte-americano. No final de mandato de Eisenhower, que era um militar moderado, viu-se que a guerra não era mais sobre homens e sim sobre recursos, jogos de poder. A tensão da Guerra Fria não apenas só entre ambas potências mundiais, essa guerra ideológica entre comunismo e capitalismo tornou se mundial, e os conflitos regionais se tornaram foco das guerras armadas.

2.2.3 John F. Kennedy (1961 a 1963) e o marketing político

Segundo a biblioteca e museu oficial de John F. Kennedy, o presidente eleito em 1960 foi o segundo presidente mais jovem da história e o primeiro nascido no século XX. Seu governo durou de 1961 até 1963 e o término de seu governo foi causado por seu assassinato no Texas. Dentro do contexto a ser trabalhado adiante, ele foi o presidente que influenciou diretamente a criação do personagem o Homem de Ferro. Sua aparência jovem, eloquência discursiva e conduta em favor dos movimentos dos direitos civis influenciaram grande parte dos jovens dos anos 1960. Também em seu curto mandato ocorreram momentos de forte impacto para política americana⁶. No seu discurso de posse, John F. Kennedy (1961) diz que "pagaria qualquer preço, suportaria qualquer encargo, enfrentaria dificuldades, apoiaria qualquer amigo, se oporia a qualquer inimigo para assegurar a sobrevivência e o sucesso de liberdade". Estados Unidos da América. Presidente (1961-1963: John F. Kennedy). Um discurso reforçando ainda mais o compromisso do EUA contra o comunismo.

⁶ Segundo John F Kennedy Presidential Library and Museum (2019): Fatos históricos sobre esse período se destacam a invasão da Baía dos Porcos, a Crise dos mísseis de Cuba, a construção do Muro de Berlim, o início da Corrida espacial, a consolidação do Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos e os primeiros eventos da Guerra do Vietnã.

Hobsbawm (1995) afirma que John F. Kennedy reforçou a Realpolitik⁷ entre as potências internacionais. Sua oratória capacitada deixa muito claro que não era só uma questão de dominação mundial do comunismo, mas também a manutenção de uma supremacia americana. Hobsbawm (1995) diz que ainda que os governos membros da OTAN não estavam totalmente satisfeitos com a política EUA, eles aceitavam a supremacia estadunidense pelo preço da proteção contra poderio militar de um sistema político antipático. “Em suma, “contenção” era a política de todos; destruição do comunismo, não”. (HOBSBAWM, 1995, p.186).

Sua política seria marcada pelo fim da época da confrontação e o início da coexistência pacífica, termo usado para definir o momento de crível convivência pacífica entre ambas potências. Essa coexistência pacífica permaneceu até os confrontos tensos de períodos de blefe e ameaças do secretário geral da URSS, Nikita Khrushchov. Era um momento decisivo para os Estados Unidos da América, pois a potência socialista triunfava com alta tecnologia espacial, com satélites e cosmonautas. E pelo sucesso do comunismo em Cuba, país vizinho do oceano norte-americano (HOBSBAWM, 1995, p.191). Ainda em outubro de 1962, espões estadunidenses descobriram mísseis da URSS em Cuba. A reação de Kennedy foi o imediato bloqueio naval a Cuba, após essa quarentena ambos os governantes das suas potências entraram em acordo sobre a remoção de mísseis de Cuba e a promessa de Kennedy de não invasão a Cuba. No fim da crise dos mísseis aconteceu o alívio das tensões, e foi então que o período da coexistência pacífica iniciou em 1962 (HOBSBAWM, 1995, p.191).

Na verdade, o resultado líquido dessa fase de ameaças e provocações mútuas foi um sistema internacional relativamente estabilizado, e um acordo tácito das duas superpotências para não assustar uma à outra e ao mundo, simbolizado pela instalação da “linha quente” telefônica que então (1963) passou a ligar a Casa Branca com o Kremlin. O Muro de Berlim (1961) fechou a última fronteira indefinida entre Oriente e Ocidente na Europa. Os EUA aceitaram uma Cuba comunista em sua soleira. As pequenas chamas da guerra de libertação e de guerrilha acendidas pela Revolução Cubana na América Latina, e pela onda de descolonização na África... (HOBSBAWM,1995, p 192).

Kennedy não conseguiu ver os resultados de suas políticas, pois foi assassinado em 22 de novembro de 1963 e Krushev voltou para Moscou em 1964 pelo *establishment* soviético.

⁷ “The term “realpolitik” is widely used today as a synonym for “power politics” and understood as the realist approach to foreign policy, a venerable tradition that stretches from Machiavelli and Bismarck to scholar-diplomats of the postwar era such as George Kennan and Henry Kissinger.” O termo “realpolitik” é amplamente usado hoje como sinônimo de “política do poder” e entendido como a abordagem realista da política externa, uma tradição venerável que se estende de Maquiavel e Bismarck a diplomatas-estudiosos da era pós-guerra como George Kennan e Henry (IKENBERRY, 2017, tradução nossa).

2.2.4 Lyndon B. Johnson (1963 a 1969)

Johnson assumiu o cargo presidencial no mesmo dia em que o presidente John F Kennedy foi assassinado em 1963, e após o mandato de Kennedy acabar, Johnson ganhou as eleições de 1964. Segundo Bernstein (1996), Lyndon B. Johnson recebeu um legado favorável de Kennedy, sendo marcado pela criação da legislação a favor dos direitos civis e a priorização da educação e luta pelo combate à pobreza. Em seu primeiro mandato seus projetos tinham foco especialmente nas questões sociais.

Bernstein (1996) afirma que Johnson, no início de seu mandato, seguiu as políticas anticomunistas do antigo governo, aumentando, por exemplo, ainda mais o contingente de soldados na Guerra do Vietnã, que cresceu de 16 mil soldados, em 1963, para 550 mil, no início de 1968. Biagi (2001) vai destacar que Johnson sabia muito bem lidar com o “equilíbrio do terror”, porém a necessidade estadunidense de vitória na Guerra Fria prejudicou seu mandato, principalmente pelo fracasso futuro e as altas expectativas instaladas no início. Segundo Biagi (2001, p 89):

O confronto tecnológico foi uma das características básicas da Guerra Fria, pois tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética procuravam ter os arsenais nucleares mais numerosos e de tecnologia mais avançada. Tal confronto tecnológico e equilíbrio armado criou uma das representações mais fortes da Guerra Fria, que foi o chamado “equilíbrio do terror”. Tal equilíbrio evitou uma guerra entre os dois países, pois aquele que atacasse primeiro correria o risco de sofrer um terrível e destruidor contra-ataque, muito mais devastador do que o seu ataque inicial.

Se a guerra armada contra URSS era arriscada demais com as armas nucleares, a luta armada com países rebeldes ainda parecia ser o meio que os Estados Unidos da América possuíam para utilizar seus novos armamentos. Muitas das ações bélicas agora se dariam nos países periféricos, os quais, por sua vez, ao demandarem desenvolvimento econômico, melhor distribuição de riqueza e mais recursos tecnológicos, enfrentavam diversos conflitos internos (PECEQUILO, 2003). Hobsbawm (1995) lembra que as armas começam a circular e a serem vendidas também por países menores, e a luta regional ganha destaque.

Em contraste com o governo de Kennedy a autora segundo Dugaich (2001), vai citar a forma de campanha a qual John F Kennedy instituiu em seu processo de eleição, forma a qual Johnson não conseguiria replicar em seu mandato posterior ao do Kennedy, por isso Dugaich (2001, p.60) salienta:

O discurso do marketing político da campanha de Kennedy o representou como enunciador legítimo da liderança americana no mundo e nos EUA como a única esperança para humanidade, como pode ser observado nos discursos sobre Kennedy e que têm como enunciadores não apenas a mídia, como também enunciadores legitimados a difundir o conhecimento

Dugaich (2001) afirma que o marketing político de Kennedy marca o surgimento de uma demanda por discursos capazes de passar para os eleitores uma sensação de sucesso, da necessidade dos Estados Unidos da América manter o poder internacional e que, portanto, é necessário que o presidente seja um líder político capaz de preservar o domínio americano sobre as ameaças geradas na Guerra Fria.

Sobre o discurso de Kennedy é possível averiguar:

Consideramos que a dualidade que caracteriza o discurso de Kennedy constituído pelo discurso do marketing político da Guerra Fria é a própria materialização do discurso maniqueísta. Ao questionar qual sociedade seria melhor, Kennedy, na realidade, demarcava os dois lados, os dois blocos e as divisões entre o “bem” e o “mal”, colocando-se no lugar do BEM, como porta-voz de um povo que se entende “Escolhido por Deus” (DUGAICH, 2001, p.64).

Dugaich (2001, p.86) ressalta que a composição de imagens “Kennedy, Guerra Fria e hegemonia americana instaurou os sentidos que significaram os Estados Unidos como a possibilidade viável de paz para o mundo”. O ponto central deste desfeito foi a morte do então presidente, em 1963.

2.3 O ESTADO FORDISTA: CONSUMO DAS MASSAS

Como potência hegemônica⁸, os Estados Unidos sempre utilizaram várias formas para manter a sua dominação sobre outros países. No período analisado, a disseminação de uma cultura de consumo em massa foi uma estratégia intensamente adotada por essa potência. Esta seção analisa como o modo de produção fordista implicou para os Estados Unidos na necessidade de expandir a produção fordista para outros países em contraposição do Socialismo de Estado⁹, proposto pela URSS, assim como o fato da ideia de consumo de massas não ser

⁸ Potência hegemônica: “A potência hegemônica exerce sobre as demais uma preeminência não só militar, como também, frequentemente, econômica e cultural, inspirando-lhes e condicionando-lhes as opções, tanto por força do seu prestígio como em virtude do seu elevado potencial de intimidação e coerção. ” (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1983, p. 589).

⁹ Socialismo de Estado: Socialismo aplicado pela União Soviética, centralmente planejado, onde os meios de produção e propriedade eram regulados pelo Estado (ELSTER, 1990).

fruto apenas da forma de produção, mas também da mentalidade produzida pela própria sociedade (GRAMSCI, 1950).

A produção fordista está intimamente ligada ao consumo em massa, pois seu conceito primordial foca na produtividade e aumento da produção (BERTOLINO, 1997). Em um período onde o capitalismo concorria diretamente com os meios de produção Socialistas de Estado, o fordismo se apresentou como um modelo capaz de equilibrar o aumento da produtividade com o crescimento do poder aquisitivo dos trabalhadores (BERTOLINO, 1997). Segundo Bertolino (1997), o que tornava o fordismo tão sedutor aos olhos dos trabalhadores era o ideal que a elevação da produtividade também traria melhores condições de vida aos assalariados.

No livro “Americanismo e Fordismo”, Gramsci (1950) apresenta que o novo modelo implantado por Henry Ford, em 1913, criou uma nova dinâmica fabril em que o trabalhador não detinha mais o conhecimento sobre o produto completo sendo produzido, mas apenas uma função nas etapas da fabricação. No início da divisão do trabalho, no século XIX, cada trabalhador detinha conhecimento completo sobre o produto que estava fabricando. (TEIXEIRA; SOUZA, 1985). Com a revolução industrial e a utilização das máquinas como ferramenta para a produção, o que era produzido apenas manualmente transforma-se em produção de maquinaria, com isso se desenvolve uma dependência do trabalho ao capital, o trabalhador fica dependente da máquina para produção do produto, que antes dependia apenas da sua mão de obra braçal (TEIXEIRA; SOUZA, 1985). “O fato de a produtividade não ser mais controlada pelo homem, mas sim pela máquina, vai levar a uma redução no tempo de trabalho, e, por conseguinte, do valor da força de trabalho” (TEIXEIRA; SOUZA, 1985).

Essa redução do tempo de trabalho e o valor da força de trabalho fez com que fordismo utilizasse deste viés para reduzir o preço das mercadorias através da redução dos custos unitários dos produtos, baseados no aumento da produção e diminuição do tempo de fabricação por produto (BERTOLINO, 1997). Ainda segundo Bertolino (1997), através da linha de montagem mecanizada, a produção em massa reduzia os custos unitários dos produtos e os preços dos produtos, sem abrir mão dos lucros para os fabricantes; porém todo o funcionamento do fordismo dependia do grande volume, também, do consumo. O consumo exagerado dito por Navarro (1993, p.159) “O consumo intenso surgiu como consequência de um longo processo de crescimento do consumo individual (principalmente através de salários e benefícios pessoais) e do consumo coletivo (através de gastos sociais por parte do Estado de bem-estar social)”.

O conceito de americanismo é trabalhado por Gramsci (1950) para mostrar que a ideia de consumo de massas não vem só na forma de produção, mas também da mentalidade que a sociedade produz. De acordo com De Souza (2007) é possível entender o americanismo como uma ideologia e uma cultura, associados à forma de acumulação e produção capitalista, sendo um meio necessário para construção e um estilo de vida do trabalhador. Assim, o americanismo dependia da produção fordista que possibilitava o consumo em grande escala e disseminava a ideia da prosperidade pelo consumo. Dessa forma, adquirir e desfrutar de bens materiais era eixo central da existência. (GRAMSCI, 1950). Dessa forma, o fordismo tinha um papel importante neste mecanismo de construção do modelo americano de consumo (GRAMSCI, 1950).

O fordismo, portanto, produziu um novo tipo de cidadão, que agora tinha o consumo como um meio para a felicidade, uma felicidade que nasceu com expansão do capital (GRAMSCI, 1950). A expansão desse capital, no entanto, foi aumentada com a expansão do comércio norte-americano para outros países além do seu território (GRAMSCI, 1950). Como uma nação nova, que não era subordinada às tradições antigas como as nações europeias, por exemplo, os Estados Unidos possuíam a necessidade de criar um senso de comunidade, uma cultura americana que unisse todos os imigrantes que chegavam ao novo país (GRAMSCI, 1950). A solução foi a consolidação de uma moral e um sistema capitalista único (GRAMSCI, 1950). Agora, o Estado tem a função de consolidar um estilo de vida comum, assim o americanismo surge como pilar da nova sociedade (GRAMSCI, 1950).

Dentro deste viés estabelecido do consumo das massas, os Estados Unidos irão globalizar essa forma de sociedade fordista, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial. As duas guerras mundiais foram essenciais para a expansão da influência norte americana.

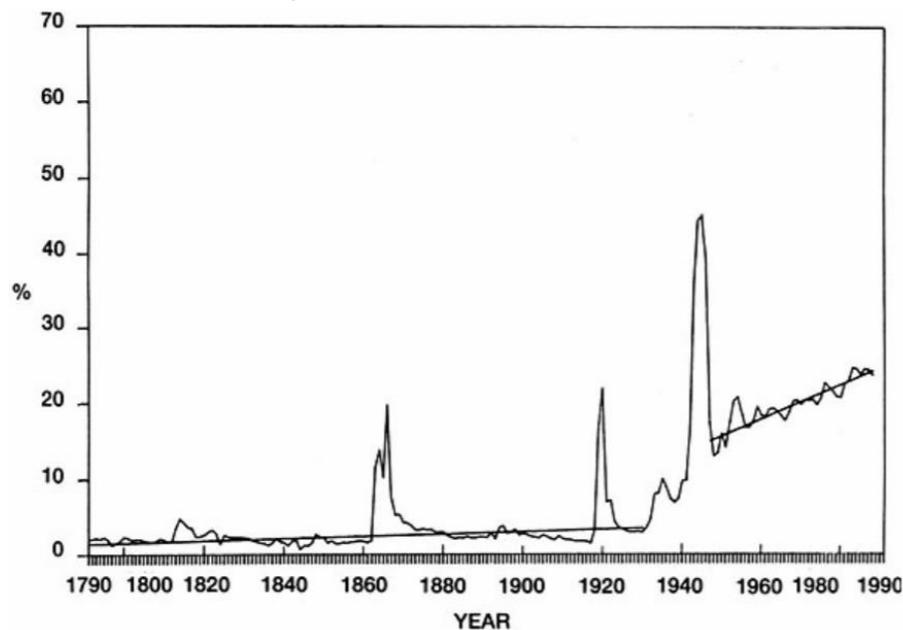
2.4 A INDÚSTRIA DA ARMA: MERCADO EXPANDIDO

Segundo Pasqualini (2004), foi durante os anos 1950 e 1960 que o fordismo atingiu seu ápice. Grande parte dessa expansão vinha com o aumento da produção industrial guiada pelos complexos metal mecânico e químico (SUZIGAN, 1989, p.8 apud PASQUALINI, 2004), que incentivava e transformava outros setores (principalmente agricultura, serviços e transportes e comunicações). Dentro dos complexos metais mecânicos e químico é importante destacar que muitas dessas empresas trabalhavam no segmento armamentista, que foi o impulsionador principal da indústria estadunidense durante e após a Segunda Guerra Mundial.

Foi no período da Segunda Guerra Mundial (entre 1939 e 1945) que os EUA saíram do processo de estagnação para duplicar sua riqueza. Se durante os anos 1930 os EUA passaram pelo período da Grande Depressão, quando milhares ficaram sem trabalho, a guerra impulsionou as fábricas novamente, criando uma nova tendência no governo estadunidense. O complexo militar-industrial usou como base a Guerra Fria, a Guerra da Coréia e do Vietnã para expandir seus negócios (DANTAS, 2005).

Durante o ano de 1939 os gastos militares americanos não ultrapassaram 14% do PIB, em 1944, eles saltaram para 46% do PIB, havendo uma diminuição no final da Segunda Guerra Mundial, aumentando novamente com a guerra da Coréia e conseguindo o patamar entre os 15% ao longo da Guerra Fria, sem parar de crescer no período da Guerra do Vietnã (DANTAS, 2005). O gráfico a seguir ilustra esses dados:

Figura 1 – Gastos militares do governo dos Estados Unidos (1790 a 1999) em % do PIB.



Fonte: Dantas (2005).

Foi durante a Segunda Guerra Mundial que os Estados Unidos conseguiram impulsionar a sua economia, com os gastos bélicos (DANTAS, 2005). Depois das duas guerras, a corrida armamentista da Guerra Fria gerou novas despesas militares, que criaram demandas novas e geraram empregos. Foram os gastos militares do governo que serviram para justificar o efeito positivo na economia. Dantas (2005) argumenta que esse é o argumento principal de autores como Keynes ou neokeynesianos sobre como os gastos militares geram um efeito multiplicador na economia: com as demandas estatais geram-se empregos, com os empregos

gera-se a demanda de consumo. O “gasto bélico desenvolve produtividade e essa maior capacidade produtiva dissemina sobre o resto da economia, sobre os setores de bens de consumo e de capital” (DANTAS, 2005, p.8).

Higgs (1994) em seu artigo sobre os custos de oportunidade, ideologia e a política da crise durante a Guerra Fria destacou que a Segunda Guerra Mundial foi um enorme marco econômico para os EUA. Com a vitória, a opinião pública norte americana começou a se importar com os aspectos das relações exteriores, uma vez que agora a política de isolacionismo e apaziguamento¹⁰ difundidas no passado foram deixadas para trás com o comércio internacional durante a guerra. Higgs (1994, p.286) ainda completa sobre o governo de Truman que:

Dentro do governo federal, o presidente ganhava poder e discrição, especialmente em assuntos externos - as pessoas falariam depois de uma "presidência imperial". Nesse aspecto, preparando uma base importante para a expansão do papel norte-americano em assuntos mundiais. Mas na segunda metade de 1945 e ao longo de 1946, a rápida desmobilização da incrível máquina militar de guerra levantou dúvidas sobre se os Estados Unidos teriam os meios para alcançar seus objetivos globais recém-adotados.

Devido à redução nos gastos militares reais anuais, em 1947, alcançou seu nível mais baixo, 10 bilhões de dólares¹¹, representando 4,3% do PIB norte-americano da época (HIGGS, 1994). Segundo o autor, neste mesmo ano, as relações entre os EUA e a URSS estavam se deteriorando, e a influência do comunismo descia sobre parte da Europa.

“Para convencer o público, e conseqüentemente o Congresso, da necessidade de gastos adicionais com a defesa para implementar a proclamada Doutrina Truman¹² de conter a expansão comunista em todo o mundo, o governo precisava de uma crise mais visível. Os confrontos em torno da Grécia e da Turquia, que haviam eclodido em 1947, não podiam suportar o ônus total da justificação exigida. ” (HIGGS, 1994, p. 287)

¹⁰ Política de isolacionismo e apaziguamento: “Princípio da política externa de um Estado, tendente a evitar as alianças permanentes ou a tomar posição sobre determinadas matérias. Este princípio, que influenciou durante muito tempo, embora com intensidade diversa, a política americana, foi abandonado definitivamente pelos EUA a partir da Segunda Guerra Mundial e dos inícios da guerra fria, encontrando--se, ao presente, completamente abandonado pela potência mais poderosa do sistema internacional (VAISSE p.19 apud DE SOUSA p. 108, 2005)

¹¹ Higgs (1994, p. 286) utiliza o dólar com cotação de 1982. Salvo indicação contrária, todos os valores em dólares serão expressos no poder aquisitivo de 1982, como apresentado pelo autor.

¹² “A Doutrina Truman consistia em uma formulação geopolítica de grande amplitude, que sedimentou o confronto bipolar. Utilizava-se um discurso de defesa norte-americana aos povos “livres”, o qual repousava sobre a necessidade de se combater o comunismo e de haver esforço, por parte dos EUA, para garantir a liberdade e a democracia nas nações ocidentais. Tais preceitos reafirmavam os interesses norte-americanos de vigiar a política interna dos demais Estados europeus e assegurar que a participação deles no novo sistema” (SIMON,2011, p. 26).

Foi apenas quando o governo socialista começou a governar a Tchecoslováquia no início de 1948, e o medo que a Europa fosse ainda mais tomada pelo governo comunista, que em março, o presidente Truman solicitou um capital adicional de defesa de mais de US\$ 3 bilhões (cotação de 1982). A sua solicitação foi aprovada rapidamente pelo Congresso, que agora concordava com o perigo do aumento do comunismo no mundo. Para reasentar o perigo da guerra contra a União Soviética, o presidente Truman fez um discurso importante que enfatizou a “ação implacável” e seu “desígnio claro” que os soviéticos tinham para dominar a Europa (HIGGS, 1994).

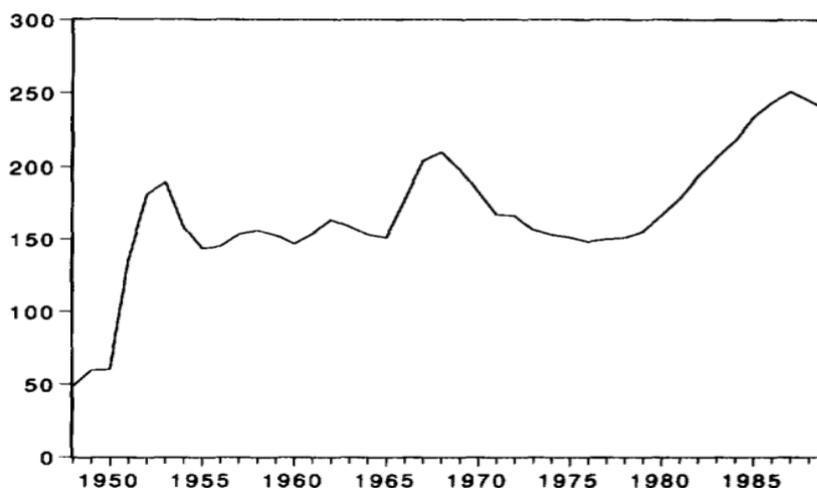
De acordo com Higgs (1994), esse foi, de fato, o início da Guerra Fria. Com aprovação pelo congresso em 1949 para expandir em 20%, os investimentos em defesa em relação ao ano de 1948. Considerando a crise em Berlim em 1948, os testes nucleares da URSS e então a formação da OTAN em 1949, os EUA não poderiam adotar um papel neutro, pois já tinham uma postura definida pelas suas ações anteriores. Com a eclosão da Guerra da Coreia, em meados de 1950 a Guerra Fria foi anunciada devidamente em território norte americano (HIGGS, 1994).

Os gastos despendidos pelo governo norte-americano no setor militar aumentaram exponencialmente entre os anos de 1950 e 1953, passando de 50 bilhões de dólares anuais para pouco menos de 200 bilhões de dólares em 1953, como é possível observar na Figura 1. Este crescimento pode ser explicado pela Guerra da Coreia, ocorrida entre 1950 e 1953, em que a Coreia do Sul (apoiada principalmente pelos EUA) e a Coreia do Norte (apoiada pela URSS) se envolveram em um conflito militar pelo domínio do território coreano como um todo.

É possível observar, pela figura 2, que os gastos militares anuais, entre 1947 e 1950, nunca ultrapassaram os 60 bilhões de dólares, e após 1952, nunca retrocederam abaixo de 143 bilhões de dólares (HIGGS, 1994, p.288). De acordo com Samuel Huntington (1957, p.201 apud HIGGS, 1994, p.288), sem a existência da Guerra em 1950, o crescimento dos gastos no setor militar, provavelmente, seria superior aos 20% de crescimento apresentados entre 1948 e 1949, mas não chegaria perto dos 200% alcançados com a guerra (HIGGS, 1994). Ainda sobre os gastos bélicos Dantas (2005, p.10) salienta, como apresentado abaixo, que:

Nenhum setor do grande capital vai se ocupar de bens de destruição – desviar forças produtivas de seu rumo tradicional – se não for bem remunerado para isto, se não conseguir, por essa via, a taxa de lucro que não encontrava em outro lado, na produção de bens de consumo e de capital. E é o Estado – Estado dos grandes monopólios – quem vai garantir aquelas encomendas a uma taxa de lucro mais alta que a da produção de mercadorias “normais”.

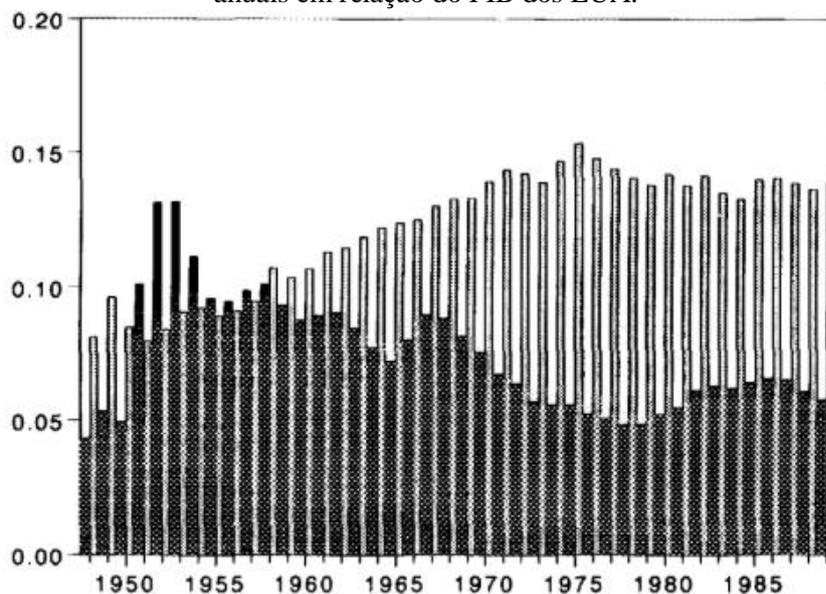
Figura 2 – Gastos militares em bilhões de dólares pelos EUA.



Fonte: Higgs (1994).

Conforme o gráfico abaixo, é possível perceber que a partir de 1955 houve uma queda nos investimentos bélicos governamentais, considerando os anos anteriores de 1951 a 1953. Entretanto, logo após essa redução, os gastos se mantiveram estáveis de 1955 a 1963. Esses números refletem a chegada ao poder de um novo governante da URSS, Nikita Krushev, e sua medida de liberalização interna – onde a disputa entre as duas superpotências deixou de ser somente militar para migrar para o ramo econômico e tecnológico - com o lançamento do satélite soviético Sputnik, em 1958. De fato, o lançamento do satélite representou um marco da nova política entre as duas nações. Mas, a manutenção dos investimentos bélicos pode ser atribuída ao cenário político estadunidense, no qual os gastos com defesa preservavam o quadro social e econômico. A produção não-defensiva e os gastos militares ainda eram um fator de forte estímulo da economia, durante os anos entre 1955 a 1965 houve uma reformulação na política militar estadunidense, o governo de Eisenhower deu ênfase principalmente na retaliação nuclear maciça dos bombardeiros de longo alcance e dos mísseis balísticos intercontinentais do Comando Aéreo Estratégico; já a administração de Kennedy buscou respostas flexíveis para os problemas relacionados a temática nuclear, principalmente sobre a tensão em relação as forças comunistas e adaptação de estratégias para o relacionamento de ambos os lados (HIGGS, 1994). Essa mudança teve pouca mudança em termos de gastos reais em defesa, que ficaram entre \$ 143 a 163 bilhões; houve só um aumento alarmante nos primeiros dois anos em que John F Kennedy assumiu o governo, mas depois declinou nos três anos seguintes, fazendo com que os gastos bélicos de 1965 fossem mais baixos que de 1957, muito disso também deve levar em conta o governo breve de Kennedy, que foi um momento transitório no início dos anos 1960 (HIGGS, 1994, p.289).

Figura 3 – Participação de gastos militares (barras escuras) e não militares (barras claras) anuais em relação do PIB dos EUA.



Fonte: Higgs (1994).

Higgs (1994) salienta que ambas as séries da Figura 3, tanto as barras escuras quanto as claras, apresentam uma forte recuperação em 1955, com o crescimento de gastos não militares superando o PIB, após 1958. O clima acirrado entre as potências e a manutenção ideológica era um motivo, mas não o único que sustentava os altos níveis de alocação de recursos para defesa.

“Cidadãos comuns, dos quais quase nenhum tinha contato direto ... não exigia realmente gastos tão grandes e que os interesses militares ... Inúmeros cartuns políticos, apresentando generais inchados enfeitados com fileiras de medalhas, promoveram precisamente tal atitude. Os cidadãos não precisavam ser cínicos naturais. O problema do ceticismo insidioso era inerente ao afastamento do sujeito de sua experiência imediata” (HIGGS, 1994, p.299).

Higgs (1994) conclui que o alto nível dos gastos com defesa durante a Guerra Fria baseou-se no anticomunismo global, porém só a ideologia em si não era justificativa para as despesas. As crises episódicas em cada parte do globo, desempenharam o papel essencial para manutenção do apoio público aos vastos gastos militares. Dado o sigilo de muitas informações “As autoridades nem sempre conseguiam enganar os cidadãos, especialmente quando muitas mortes e aumento de impostos (incluindo inflação não antecipada) estavam envolvidos” (HIGGS, 1994, p.309). Mas as restrições aos formuladores de políticas, estando sujeitas a deslocamentos informacionais e ideológicos e responsivos à crise percebida, eram elas mesmas elásticas e manipuláveis.

2.4.1 Novos consumidores

A Guerra Fria emerge num cenário completamente novo nos Estados Unidos da América. Após o final Segunda Guerra Mundial ocorreu um grande aumento populacional no país, devido não só ao retorno dos homens que lutaram na guerra, mas também ao drástico aumento do número de crianças nos EUA. Essas crianças nascidas durante os anos 1946 a 1961 passaram a representar um novo mercado consumidor (BIAGI,2001).

Biagi (2001) diz que foi durante os anos 1950 que o marketing americano percebeu o potencial deste público. Foi criado então um marketing novo o “mercado jovem” e produtos passaram a ser criados exclusivamente para atender a demanda deste novo público. E a ideia de juventude e progresso americano vieram junto com essa capitalização, surge um produto que buscava um consumidor que não era mais criança, porém não se via como adulto, por isso Hobsbawm (1995, p.254) afirma que:

O surgimento do adolescente como ator consciente de si mesmo era cada vez mais reconhecido, entusiasticamente, pelos fabricantes de bens de consumo, às vezes com menos boa vontade pelos mais velhos, à medida que iam expandir-se o espaço entre os que estavam dispostos a aceitar o rótulo de “criança” e os que insistiam no de “adulto”.

Neste período começaram a surgir produtos específicos para determinados grupos de faixa etária e buscava-se principalmente desenvolver um comércio que influenciasse a partir da puberdade e seguisse a “juventude” (HOBSBAWM, 1995). Durante a década de 1960, ocorreu um aumento da expectativa de vida, com isso a idade da juventude também foi prolongada, com o avanço da tecnologia existiu um estímulo para se aumentar os estudos e se antes os jovens iam para o mercado de trabalho logo após o colégio, com os avanços tecnológicos foi estimulado que esses jovens frequentassem faculdades e aumentassem seu grau acadêmico (HOBSBAWM, 1995). Com aumento do comércio internacional, a juventude também começou a ter contato com os diversos movimentos juvenis ao redor do mundo, e foi criada uma nova faixa etária para o consumo, os adolescentes e jovens adultos, tornou-se um mercado muito rentável (HOBSBAWM, 1995). A juventude agora não era mais vista como estágio preparatório para vida adulta, mas, numa nova medida, um momento único da experiência humana (HOBSBAWM, 1995).

O pós-guerra foi um momento onde o poder oligárquico era dominado por governantes mais velhos que a população em geral (HOBSBAWM, 1995). Além de ser dominado majoritariamente por homens. Tanto no mundo capitalista, com exemplos de Churchill, Franco

e De Gaulle, quanto na parte comunista – Stalin, Kruschev e Ho Chi Minh – possuir um chefe com menos de quarenta anos era um fato quase único. Por isso, líderes como Fidel Castro chamaram tanta atenção do antigo regime, não só pela coragem de fazer golpes militares – em regimes políticos radicais- mas também por possuir em seu comando grande quantidade de jovens oficiais (HOBSBAWM, 1995). Até mesmo o fato dos Estados Unidos da América terem elegido um presidente com quarenta e três anos, destacava a mudança de comportamento também deste novo público. (HOBSBAWM, 1995). Um público que possuía uma rede de conexões mais extensas que as anteriormente vividas por seus pais, com universidades conectadas devido à rápida capacidade de comunicação que se volveu ao redor do mundo a partir da década de 1960 (HOBSBAWM, 1995). O consumo de massa cresceu aumentando a indústria da moda e entretenimento, que não era mais local, mas também global. Sendo um grande exemplo o fenômeno dos Beatles – banda inglesa do início da década de 60 – que fizeram sucesso nos Estados Unidos da América e em países periféricos igualmente. (HOBSBAWM, 1995).

O “boom adolescente” da década de 1960 emergiu das concentrações urbanas, dos empregos bem remunerados de escritórios e lojas (HOBSBAWM, 1995). E com a entrada da mulher no mercado de trabalho e no universo consumidor (HOBSBAWM, 1995).

O poder de mercado independente tornou mais fácil para a juventude descobrir símbolos materiais ou culturais de identidade. Contudo, o que acentuou os contornos dessa identidade foi o enorme abismo histórico que separava as gerações nascidas antes de, digamos, 1925 das nascidas depois de, digamos, 1950 (HOBSBAWM, 1995, p.256).

A economia também se aquecia com os governos militares, em escala global. O pós-guerra fez com que as indústrias armamentistas exportassem armas agora para os países de terceiro mundo. Até mesmo as economias em declínio, como a Grã-Bretanha se favoreceram com o mercado competitivo bélico (HOBSBAWM, 1995). A guerrilha e o terrorismo nos países periféricos forneceram uma demanda de produtos bélicos de todas as maneiras aos países dos submundos, neste contexto a metralhadora Uzi (israelense), o fuzil Kalachnikov (russo) e o explosivo Semtex (tcheco) se tornaram nomes conhecidos. (HOBSBAWM, 1995).

2.5 INIMIGO FORMADO: OUTRO ANTAGONISTA

Com a expansão dos mercados americanos, a produção fordista se espalha pelo sistema econômico internacional. Com o crescimento da indústria bélica como motor propulsor do

crescimento dos EUA, havia uma necessidade de legitimação do inimigo os quais os EUA estavam combatendo. Esse inimigo, legitimado no período da Guerra Fria, foi construído com base na construção sociais de dois problemas políticos, como apresentados por Castoriadis (1982): (i) tinha-se o conhecimento que a URSS buscava expandir o comunismo; (ii) os EUA buscaram aproveitar o interesse da expansão do comunismo para justificar suas ações em territórios internacionais. Avaliando as duas formas que ambas ideologias surgiram, uma se baseava nas ideias de Karl Marx sobre o desmoronamento da sociedade burguesa tradicional e da ordem internacional, e a outra vinha dos antigos fundamentos do sistema de capital burguês. Sendo assim, a URSS era uma potência antagonica ao estilo de vida americano, que se firmava no antigo sistema de capital burguês, o capitalismo.

Henry Kissinger (1997, p.17) salienta:

Em nenhum outro período da sua história a América participou de um sistema de equilíbrio de poder. Antes das duas guerras mundiais, a América se beneficiava da operação de equilíbrio de poder sem estar envolvida em suas manobras e enquanto desfrutava do luxo de criticá-lo severamente ao seu bel-prazer. Durante a Guerra Fria, a América encontrava-se imersa em uma luta ideológica, política e estratégica com a União Soviética, na qual um mundo de duas potências funcionava de acordo com princípios bastante diferentes daqueles de um sistema de equilíbrio de poder. Em um mundo de duas potências, não pode haver nenhuma pretensão de que o conflito conduza ao bem comum; qualquer ganho para uma das partes representa uma perda para a outra.

Sobre esse jogo de ganhos e perdas o embaixador Samuel Pinheiro Guimarães (2001), antigo diretor do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais do Itamaraty, diz que o americanismo tornou-se um ideal não é apenas nacional ou regional, mas de âmbito global, uma vez que seus interesses econômicos e políticos se estenderam aos países capitalistas e seus mercados consumidores. Para os EUA existiu desde da expansão dos seus mercados a necessidade de procurar insumos estratégicos, e de possuir mais mercados para exportar seus produtos excedentes, uma vez que a produção fordista-taylorista estadunidense se baseava na alta demanda. Neste ponto, os EUA viam a URSS como inimigo central já que eles necessitavam do acesso aos mercados globais para expansão de seus negócios, havia também uma necessidade de importar dos outros países por preços mais baratos.

Com o final da Guerra Fria, os EUA conseguiram introduzir os antigos países soviéticos no sistema capitalista com os “dividendos da paz¹³”, onde estes países receberam

¹³ Dividendos da Paz: “Foi uma medida criada com o final da Guerra Fria, onde os gastos governamentais com defesa poderiam ser reduzidos em benefício de outros setores, ou mesmo devolvidos aos cidadãos na forma

investimentos para se introduzirem no mercado capitalista (GUIMARÃES, 2001). Guimarães (2001) afirmou que EUA tinham a necessidade de manter e aumentar a produtividade e competitividade das empresas capitalistas para alcançar maiores posições no mercado, e o final da Guerra Fria gerou a situação de “fim do inimigo”. Sem o inimigo da Guerra Fria, o orçamento militar deveria ser reduzido e grande parte do mesmo destinado para a produção civil e programas de auxílios à população e outros países periféricos, uma vez que, por vezes, as fábricas que produzem armamentos também podem produzir bens civis, como a siderurgia, indústria naval e têxtil (GUIMARÃES, 2001). O embaixador salienta a necessidade da existência de um inimigo do Estado para justificar à população as enormes despesas militares da época.

Dentro desta busca por justificar o inimigo comunista, as mídias exerceram um papel fundamental para levar a imagem negativa deste inimigo para a população. Desses canais midiáticos, o trabalho analisa essa construção do inimigo comunista pela mídia dos quadrinhos. Que dentro do ramo da literatura, além de conter textos e imagens, o quadrinho retrata ações em movimento estático, diferente dos filmes onde a imagem decorre com o tempo. Por essa condição o leitor tem contato visual e compreensão única da imagem a qual está sendo retratada. Os quadrinhos ajudaram a formar um ideal de comunistas como seres maléficos, guiados apenas pelos ganhos próprios. Distinguindo bem os valores de democracia e liberdade individual do mundo capitalista, do coletivismo estatal e ditatorialismo dos comunistas. Com isso, esse trabalho no capítulo abaixo vai analisar como os quadrinhos chegaram até esse inimigo e como ele foi desenvolvido em suas obras, em especial nas primeiras edições do Homem de Ferro.

de cortes de impostos, possibilitando assim melhorias no nível de bem-estar social. ” (DA SILVA FILHO; DE MORAES, 2012 p.7).

3 GUERRA FRIA E OS QUADRINHOS

A história da Marvel Comics começa em 1939 pelo editor de revistas Martin Goodman. Ele foi responsável por diversas editoras e revistas na época e seu trabalho era nomear diferentemente cada novo estilo de publicação, sendo assim, cada gênero de revistas recebia um título diferente (AGUIAR; MOREIRA, 2015). Assim, muitas de suas publicações de quadrinhos não foram publicadas juntas, mas compiladas posteriormente com a criação do título Marvel.

No início dos anos 1930, o estatístico e especialista em pesquisas sobre hábitos e opiniões públicas, George Gallup, realizou uma pesquisa a fim de medir a popularidade dos quadrinhos na grande mídia pública. Seus resultados, bem como salientado por Gordon (1998), comprovam o sucesso dos quadrinhos. O produto desta pesquisa sustenta a capacidade dos quadrinhos como canal de divulgação e anúncios, principalmente porque os leitores conseguiam se familiarizar com as histórias contadas (GORDON, 1998). Gordon (1998) salienta que os *comic books* surgiram como uma sátira da realidade repleta de humor de fatos do cotidiano e personalidades importantes em tirinhas de quadrinhos curtos, divulgadas, principalmente, em jornais da época. A popularização fácil das histórias pode ser atribuída à proximidade da idade dos escritores e leitores, como apresentado por Scott (2011, p.45, tradução nossa):

A maioria dos criadores das histórias em quadrinhos era jovem - muitos no final da adolescência ou no início dos vinte anos - portanto, dificilmente mais velhos que muitos de seus leitores. Por exemplo, Jerry Schuster e Joel Siegel estavam apenas em sua adolescência quando venderam os direitos de *Superman* para DC Comics. Como resultado, criadores e leitores tendiam a ver as coisas da mesma maneira e as histórias que defendiam a justiça social e como fazer a diferença, por vezes ajudaram a ganhar o público mais jovem¹⁴.

Com a chegada da Segunda Guerra Mundial, as revistas em quadrinhos aproximaram o público de um olhar a qual a televisão não podia transmitir: o combate e a experiência do campo de batalha (GORDON, 1998). Porém, não foi somente o combate que as páginas desenhadas buscaram, mas também o sonho e o desejo pela vitória (GORDON, 1998). A

¹⁴ “Most comic book creators were very young - many in their late teens or early 20s - thus hardly older than much of their readership. For instance, Jerry Schuster and Joel Siegel was only in his late teens when they sold the rights of Superman to DC Comics. As a result, creators and readers tended to see things in the same way. Stories advocated social justice and how to make a difference. Superman made corrupt officials or business leaders change their evil ways, and once the war began, fought against the tyranny of dictators. These youthful ideals often helped to gain a younger audience.”

primeira editora a publicar conteúdos de heróis nacionais em combate, vendendo muito mais que as outras, foi a *DC Comics*. Criando super-heróis com habilidades invencíveis e poderes sobre humanos (GORDON, 1998). Para Gordon (1998) o leitor obteve aquilo que ele sonhava; o fim da guerra com honra. Goodman, vendo o aumento da demanda do mercado emergente da época, criou sua própria franquia de quadrinhos competindo diretamente com a *DC Comics*, que possuía maioria dos leitores no período.

Com a Segunda Guerra Mundial, esse mercado foi tomado pelo cenário patriota que os Estados Unidos da América se encontravam, e para acompanhar o crescente sentimento da população de nação e dever, os super-heróis¹⁵ nasceram com o perfil de ser o exemplo de “soldado americano” um homem disposto a lutar por sua nação (GORDON, 1998). Gordon (1998) ao criar o primeiro super-herói a *Action Comics* – atual *DC Comics* – não só delimitou o papel do herói na guerra, mas a conduta a qual ele devia seguir. O Super Homem detinha “autoconfiança”¹⁶ para proteger a nação. Em sua revista n.41 ele cita seu modelo de conduta:

Nestes tempos cruciais, cada um de nós, jovens ou mais velhos, temos responsabilidades para ser assumidas. Os líderes desta grande nação são carecidos da responsabilidade de salvaguardar a nação da violência e proteger nossa liberdade e livre arbítrio. Da mesma forma que seu pai deve arcar com a responsabilidade de proteger a casa em que você mora, e sua mãe aceitar alegremente a responsabilidade de preservar a vida familiar e todas as instituições familiares que nos são tão queridas. Da mesma forma, é seu dever para si mesmo, seu Deus, seu país e seus pais cuidar de si mesmo, do corpo e da mente. Você deve aceitar sua parcela de responsabilidade diminuindo o peso da responsabilidade dos ombros dos outros. Em casa, na escola no playground - seja Sef-Reliant. Ao fazê-lo, você fará com que os mais velhos - inclusive eu - tenham muito orgulho de você”. (ACTION COMICS ,p.2, 1941)¹⁷

¹⁵ Super -Herói : Caráter heroico com uma missão egoísta e pró-social; com superpoderes - habilidades extraordinárias, tecnologia avançada ou habilidades físicas, mentais ou místicas altamente desenvolvidas; quem tem uma identidade de super-herói incorporada em um codinome e traje icônico, que normalmente expressam sua biografia, caráter, poderes ou origem (transformação de pessoa comum em super-herói); e quem é geneticamente distinto, isto é, pode ser distinguido de personagens de gêneros relacionados (fantasia, ficção científica, detetive, etc.) por uma preponderância de convenções genéricas. Frequentemente, os super-heróis têm identidades duais, das quais a comum é geralmente um segredo bem guardado. “ Heroic character with a selfless, pro-social mission; with superpowers— extraordinary abilities, advanced technology, or highly developed physical, mental, or mystical skills; who has a superhero identity embodied in a codename and iconic costume, which typically express his biography, character, powers, or origin (transformation from ordinary person to superhero); and who is genetically distinct, i.e. can be distinguished from characters of related genres (fantasy, science fiction, detective, etc.) by a preponderance of generic conventions. Often superheroes have dual identities, the ordinary one of which is usually a closely guarded secret.” (COOGAN, 2006).

¹⁶ Autoconfiança (*Self-reliance*): É o pilar a qual o super-herói se baseia para realizar seus atos heroicos, no caso do super-herói clássico estadunidense são os deveres com a nação. “...The authority of God, Country, Freedom, Liberty, Father, and Mother to proclaim the necessity for children to be self-reliant.”- A autoridade de Deus, País, Liberdade, Liberdade, Pai e Mãe para proclamar a necessidade das crianças serem autossuficientes. (GORDON, 1998).

¹⁷ In these crucial days each of us, young or old, has responsibilities to be shouldered. The leaders of this great nation of ours are owing the responsibility of safeguarding the nation from aggression and guarding our Freedom and Liberty. In the same way your father must shoulder the responsibility of protecting the home in which

Segundo Scott (2011), além do sentimento de patriotismo, o herói possuía a habilidades sobre-humanas para vencer os inimigos de sua nação, especificamente o nazismo, que representava a maior afronta às ideias estadunidenses e ao próprio símbolo de democracia americano. Com o envolvimento dos Estados Unidos da América na Segunda Guerra Mundial, as editoras e publicações em quadrinhos tanto comerciais quanto do governo aumentaram e ganharam notoriedade entre as populações domésticas, e logo depois internacionalmente através das tropas aliadas (SCOTT, 2011). O escritor ainda debate o aumento dos personagens jovens em vários papéis de combate, sendo claramente um tipo útil de propaganda, já que incentivava os jovens a apoiar ou até mesmo lutar pela guerra (SCOTT, 2011). Esses personagens não eram necessariamente super heróis, mas também ajudantes, sem poderes extraordinários, que eram fundamentais para a conclusão da história, abrangiam nessa categoria Bucky (Capitão América), Zippy (O Terror Negro), Robin (Batman), Toro (Tocha Humana), e até grupos de jovens combatentes como os “Boy Commandos e Young Allies¹⁸” (SCOTT, 2011). Mesmo tendo um supervisor, os auxiliares travavam batalhas reais por conta própria também. Por conta da guerra a indústria de quadrinhos aumentou as vendas de 10 milhões para 20 milhões de cópias por mês¹⁹. Segundo Luyten (2005, p.17 apud KRAKHECKE, 2009 p.34), “a cultura pop é um poderoso reflexo da sociedade na qual vivemos e não se restringe somente ao aspecto estético, mas desempenha papel importante atingindo da mesma maneira todas as pessoas em um sentido cultural mais amplo”.

O historiador Ian Gordon (1998) acrescenta que com a guerra as histórias dos quadrinhos tomaram um contexto mais dramático e emocionante nas suas narrações, as batalhas incluíram maiores cenas de violência contra os fascistas e os heróis se aproximaram dos valores domésticos americanos e deram aos cidadãos um sentimento de segurança pelo estilo americano de luta. Embora o mercado dos quadrinhos tenha-se beneficiado com a entrada da guerra, a

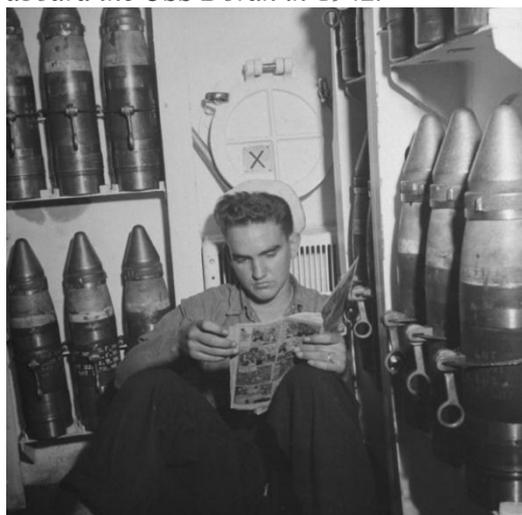
you live, and your mother cheerfully accepts the responsibility of preserving the family life and all the homely institutions which we hold so dear. Similarly, it is your duty to yourself, your God, your country and your parents to care for yourself in body and mind. You must accept your share of responsibility by lessening the weight of responsibility from the shoulders of others. At home, in school on the playground - be Self-Reliant. In so doing you will make your elders - including me - very proud of you ". Lançada pela Action Comics, no.41, em outubro de 1941.

¹⁸ Boy Commandos é uma organização fictícia da DC Comics que aparece pela primeira vez em Detective Comics #64 (junho de 1942) por Joe Simon e Jack Kirby. Com personagens conhecidos como "ganges das crianças", jovens de vários países lutando contra nazistas. (DOUGALL; KINDERSLEY, 2009, p.59) – Young Allies foi criado por Jack Kirby e Joe Simon como Sentinelas da Liberdade, "um grupo multirracial de crianças patrióticas" que lutava pelas guerras estadunidenses, esse pela editora Marvel. (RO, 2004, p.145).

¹⁹ Mitchell, Steven E. "Evil Harvest: Investigating the Comic Book, 1948-1955" M.A thesis, Arkansas State University, 1981 – p.20-21

grande ponto do governo americano não foi simplesmente “usar a guerra para vender quadrinhos, mas usar os quadrinhos para vender a guerra”. (GORDON, 1998, p.151). Os quadrinhos utilizaram o medo de outro ataque como Pearl Harbor como forma de aumentar o número de leitores. Eles utilizaram da ameaça aos territórios americanos como matriz para estimular seus leitores a consumir seu material (SCOTT, 2011). Neste mesmo contexto, materiais de guerra foram promovidos dentro das revistas em quadrinhos (SCOTT, 2011). Nas Figuras 4 e 5, é visto como os quadrinhos eram consumidos diariamente até nos campos de guerra. E um bom exemplo de quadrinhos que promoviam o sentimento de patriotismo eram quadrinhos “Meninos e meninas podem ajudar o Tio Sam a vencer a guerra!” Ou um dos materiais informativos sobre a contribuição dos soldados para nação estadunidense (SCOTT, 2011).

Figura 4 – *A sailor reads a comic book aboard the USS Doran in 1942.*



Fonte: Cosgrove (2014).

Figura 5 – *American troops read comic books during the Korean War in 1951.*



Fonte: Cosgrove (2014).

Paralelamente às ações das empresas de histórias em quadrinhos, o governo dos Estados Unidos da América tomou iniciativas independentes para criar quadrinhos em apoio aos militares. Nas análises de Joe Simon e Jim Simon (2007) a época foi um período onde os quadrinhos foram ficando cada dia mais populares no prosseguir da guerra. Por isso o próprio governo americano utilizou dessa mídia para incentivar seus soldados. Uma vez que estes soldados estavam sendo levados a diversos centros de batalha ao redor do mundo, eram os quadrinhos que os acompanhavam em suas viagens, tanto para Ásia quanto Europa, por isso milhões de cópias por mês eram produzidas para seguir a demanda. Entrando neste mercado, a Marvel – na época Atlas Publishing - cria super-heróis como o Capitão América e o Tocha

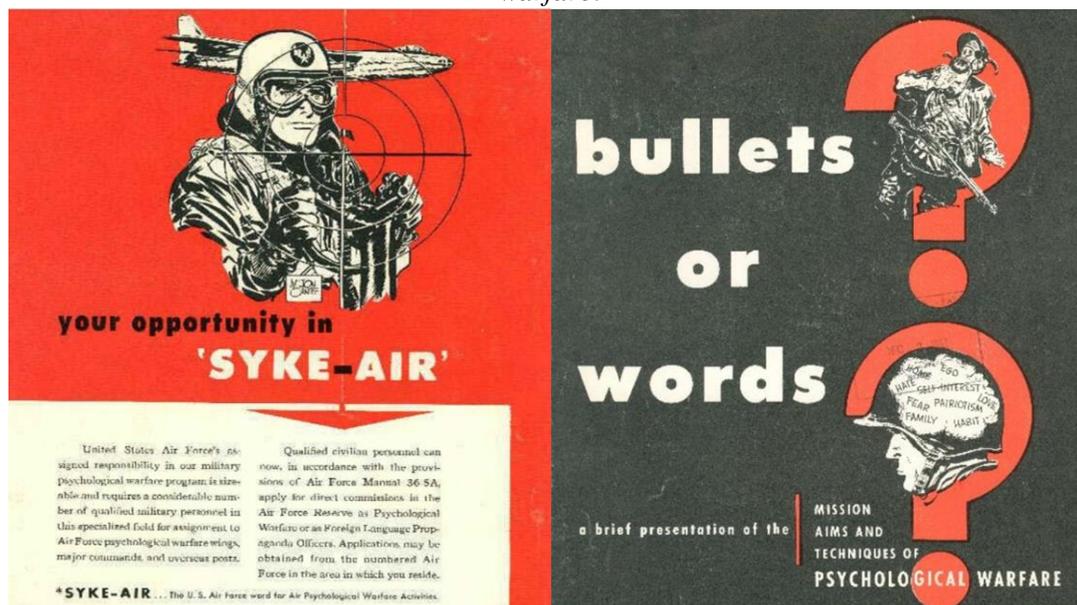
Humana para suprir os novos leitores ansiosos por contos sobre a guerra. Foi em março de 1941, que o Capitão América inovou o novo centro dos quadrinhos com um soco nocauteando Adolf Hitler. Este foi o estopim para que quadrinhos e cenas reais convivessem juntos. Segundo O’Neill, a Marvel Comics tomou a causa do amor nacional da Segunda Guerra Mundial de forma mais gráfica e enfática, e seu exemplo mais emblemático é a figura 6, a primeira capa do Capitão América (março de 1941). Seus criadores Joe e Jim Simon (2007), escreveram em sua autobiografia *The Comic Book Makers*: “O Capitão América foi o primeiro grande herói dos quadrinhos a tomar uma posição política, Hitler foi uma escolha maravilhosa; as aventuras no Capitão América irreverentemente transformaram Hitler em uma caricatura”.

Figura 6 – *Captain America* #1.



Fonte: *Captain America* (1941).

Figura 7 – *Bullets or Words: A brief presentation of the mission, aims and techniques of psychological warfare.*



Fonte: Departamento de aeronáutica norte-americana (1951).

A Figura 7 demonstra um modelo de quadrinho distribuído pelo governo americano durante a Segunda Guerra Mundial. O quadrinho intitulado “Balas ou Palavras” retratava as histórias das operações durante a guerra da Coreia e buscava com essa campanha recrutar novos soldados para o American Air Service “Syke-Air”, que o livreto explica é “a palavra da Força Aérea dos EUA para *U.S. Air Force Psychological Warfare Division*”. Porém o boom dos quadrinhos dos anos 1940 foi perdendo a força, e as histórias sobre super-heróis já não interessavam mais o público estadunidense. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os leitores americanos procuraram contos que fossem mais coerentes com a sua realidade. Por isso, o comércio focou em quadrinhos de horror, suspense, policial e comédia, para que o leitor se sentisse conectado com o enredo, Leandro Vicenti (2010, p. 38) afirma que:

Assim, a representação completa o cenário de construção da mensagem, dando sentido e imbuindo o texto de compreensão lógica e social. Fazendo desta o solo principal, onde o leitor absorverá o contexto para construir junto à leitura seu entendimento da mensagem exposta. Deste modo, a representação serve à análise das histórias em quadrinhos como olhar primário, que possibilita ao eu pesquisador compreender a mensagem publicada e sua função discursiva. Provendo ampla possibilidade de compreensão do contexto social que esta representa, mas ainda dependente do conhecimento que o pesquisador possui sobre as temáticas destas produções culturais.

Mike Benton (1991) explana na sua análise do período de que após a queda nas vendas dos quadrinhos de super-heróis, as histórias de crimes tomaram seu lugar, sendo que uma em cada cinco histórias em quadrinho falavam de crimes. A violência a qual o leitor estava

acostumado nas histórias de super-heróis chega ainda mais próxima à realidade do leitor, agora a brutalidade e sadismos acercam a rua dos estadunidenses. Knowles (2008) vai concluir que a busca por aumentar as vendas, fez com que as editoras apelassem para um conteúdo demasiadamente violento e com isso elas perderam um certo grau de qualidade nos contos.

No quadro 1 abaixo relaciono quais foram os acontecimentos principais que influenciaram os quadrinhos no pós Segunda Guerra Mundial até o início das proibições na década de 1950, que serão citadas mais a baixo. Com um enfoque nas influências internas e externas, sendo a influência externa marcada pelo resultado de políticas externas ao território estadunidense e as internas por políticas que ocorriam dentro dos EUA, e analisando-as principalmente para compreender os fatores que levaram os quadrinhos a uma proibição de diversos gêneros e trouxeram de volta os super-heróis para as histórias em quadrinhos.

Quadro 1 – Influência de fatores da história na criação de histórias nos quadrinhos estadunidenses (1945-1954).

Influência de fatores da história	Externo	Interna
Segunda Guerra Mundial	Sim	Não
Aumento do contingente Militar do governo estadunidense	Sim	Sim
Foco na violência interna norte-americana	Não	Sim
Imigrações para dentro dos EUA	Sim	Sim
Condutas puritanas e valores cristões	Não	Sim

Fonte: Elaborado pela autora

3.1 PROIBIÇÕES DOS QUADRINHOS EM 1954

Com esse grau de violência aumentado, os quadrinhos começaram a chamar atenção dos representantes do Estado americano. Para David Park (2002) A chegada dos quadrinhos pós Segunda Guerra Mundial, com conteúdo demasiadamente violentos - assassinatos, crimes e perseguições – gerou protestos sobre o conteúdo dessas publicações serem demasiadamente

vulgar. Então, no início dos anos quarenta, o psiquiatra Fredric Wertham entrou nesse debate sobre os teores nos quadrinhos com o livro *Seduction of the Innocent*. E com essas análises, utilizou de sua profissão para atestar um problema psiquiátrico, afirmando que os quadrinhos eram uma causa de delinquência juvenil. Com essa afirmação, ele ganhou atenção do senado. Um subcomitê do Senado, encabeçado pelo senador Estes Kefauver, foi incumbido da tarefa de investigar os efeitos dos quadrinhos.

Lembrando que a censura às mídias visuais começou em 1934 quando “a indústria cinematográfica começou a regulamentar sua própria conduta de acordo com as disposições do Código de Produção Cinematográfica, diminuindo (ainda que temporariamente) o tom daquele debate calorosamente discutido” (MOLEY, 1945, p.77-82 apud PARK, 2002, p.260). Robert Griffith (1971) debate sobre a questão da política criada no final dos anos 1940, sobre o medo do “comunismo dentro do governo”, um sentimento que nasceu principalmente pelo temor que a Guerra Fria trouxesse traições internas. Foi com esse viés que o senador Joseph McCarthy conseguiu atrair atenção para possíveis retaliações e banimentos aos americanos com cunhos ligados a questões socialistas, ou mesmo com ideias não conservadores. “O verdadeiro triunfo de McCarthy, tanto em 1950 quanto depois, consistia em fazer de si mesmo um símbolo pessoal dessas questões. E depois de ter conseguido isso, a tarefa de desalojá-lo ou até mesmo restringi-lo tornou-se imensamente complicada²⁰” (GRIFFITH, 1971, p.25, tradução nossa). Época a qual o senado vinha discutindo a influência da televisão, rádio e livros nas mentes americanas com possíveis comunistas dentro do território norte americano, o comunismo foi tema do senador Joseph McCarthy, e de seus apoiadores no senado. “Caça aos comunistas”, que estariam infiltrados na sociedade norte americana. (GRIFFITH, 1971).

Foi nesse clima de tensão, que o então senador Kefauver, também apoiador das ideias de McCarthy, colocou em questão as pesquisas de Wertham e os perigos a quais os quadrinhos eram para as mentes dos jovens. (PARK, 2002). Com esse pretexto, foi criado um subcomitê para analisar o quão nocivo eram esses conteúdos para o público americano. (PARK,2002). As audiências deste subcomitê foram moldadas profundamente pelos interesses da indústria de quadrinhos e do próprio subcomitê (PARK, 2002). O testemunho de especialistas, especialmente o do próprio Wertham, foi usado como uma forma de garantir legitimidade às conclusões do subcomitê, embora essas conclusões propusessem um código de autocensura da

²⁰ McCarthy's real triumph, both in 1950 and afterwards, lay in making himself a personal symbol of these issues. And once he had accomplished this, the task of dislodging or even restraining him became immensely complicated.

indústria - o Comic Book Code - que Wertham acreditava ser contraproducente. (PARK,2002). No auge de 1954, um Subcomitê do Senado, liderado pelos senadores Robert Hendrickson e Estes Kefauver, foi encarregado de investigar os efeitos da mídia de massa sobre as crianças. Incentivados pelo modelo de proibições do Senador Joseph McCarthy uns anos antes (na busca de prováveis comunistas), Fredric Wertham, um psiquiatra renomado, também buscou cassar influenciadores dos maus costumes e até de ideias comunistas por serem considerados conteúdos que deturpavam os modos estadunidenses, mas por meio de outra mídia em destaque, os quadrinhos (PARK, 2002).

As revistas em quadrinhos estavam em primeiro lugar na lista de mídia a ser examinada pelo subcomitê (audiências subsequentes investigariam os efeitos do rádio e da televisão). Muitas semelhanças são evidentes entre as audiências de violência televisiva que Rowland descreve e as primeiras audiências de quadrinhos. Os mesmos grupos (o governo, a academia e a indústria) desempenharam papéis proeminentes, o resultado (autorregulação) era familiar e os acadêmicos que testaram tinham um papel legitimador similar a desempenhar²¹ (PARK, 2002, p.26, tradução nossa).

Foi apenas a partir de 1942 que os quadrinhos sobre crimes começaram a ser publicados (PARK, 2002). Esse gênero envolvia lutas diárias entre criminosos e policiais (PARK, 2002). Mesmo que no final de seus enredos terminassem com uma moral anticrime, as autoridades da época consideravam este estilo de narrativa muito mais sombria e mais cínica que os demais gêneros (PARK, 2002). David Park (2002), em seu artigo sobre a interferência de experts da psiquiatria nos quadrinhos, fala sobre o fato que esses quadrinhos mais sombrios e realistas foram um pilar para que tais que o psiquiatra Fredric Wertham aconselhasse que houve proibições de conteúdo dentro dos quadrinhos, escrevendo essa análise no livro *Sedução do Inocente*, em 1954. Um livro que tinha como base demonstrar os efeitos lesivos dos quadrinhos em crianças (PARK, 2002). Porém no meio acadêmico muitos sociólogos e psicólogo criticaram Wertham pela construção simplista da origem da delinquência juvenil (PARK, 2002). Este estudo sobre a psicologia infantil prejudicada pelos quadrinhos era o material necessário para que o Subcomitê do Senado fosse legitimado e que as investigações fossem adiante (PARK, 2002). Contudo, o congresso recomendava firmemente que houvesse

²¹ . Comic books were first on the list of media to be examined by the subcommittee (subsequent hearings would investigate the effects of radio and television). Many similarities are evident between the television violence hearings that Rowland describes and the earlier comic book hearings. The same groups (the government, the academy and the industry) played prominent roles, the outcome (self-regulation) was a familiar one and the academics who testified had a similar legitimating role to play”.

uma autorregulação da indústria e não uma abolição dos quadrinhos. Ao final, Park (2002, p.266, tradução nossa) salienta:

No entanto, o fato de tais audiências geralmente resultarem em um código auto regulatório indica que, no final, os interesses da indústria são uma preocupação básica. Como os senadores não oferecem seu próprio testemunho em tais audiências, pode ser difícil apontar o grau em que eles estavam olhando para os interesses da indústria. No entanto, a partir de suas declarações no primeiro dia de audiências, é possível obter algumas dicas sobre como eles conceituaram o problema dos quadrinhos. O senador Hendrickson fez a declaração de abertura, observando que o subcomitê limitaria sua investigação às "revistas em quadrinhos que lidam com crime e terror", reconhecendo assim que "embora haja mais de um bilhão de gibis vendidos nos Estados Unidos a cada ano, o subcomitê interesse reside em apenas uma fração desta publicação realizada"²² (PARK, 2002, p.266, tradução nossa).

Segundo Park (2002), o próprio senador Hendrickson havia afirmado que “queremos descobrir qual dano, se algum, está sendo feito às mentes de nossos filhos por certos tipos de publicações que contêm um grau substancial de sadismo, crime e horror. Isso, e só isso, é a tarefa que temos em mãos²³...” (Congresso dos EUA, 1954, p.21-22 apud Park, 2002, p.226, tradução nossa). A disputa está em saber classificar o que era considerado violento, ofensivo e danoso para os leitores e quais os quadrinhos socialmente aceitos e morais (PARK, 2002). Muitas editoras tentaram burlar a regulamentação utilizando o nome detetive para sair do gênero crime e outras justificaram seus quadrinhos como um aviso para a sociedade sobre a violência (PARK, 2002). Contudo, era exatamente isso que preocupava os senadores (PARK, 2002). O Senador Chamberlain enfatizou que os Estados Unidos da América estavam tomados por dois tipos de quadrinhos “a boa classe, quadrinhos limpos, que foi prejudicada pela publicidade dada aos quadrinhos [de crime e terror] [...] não houve observações complementares suficientes sobre boa leitura em quadrinhos²⁴.” (Congresso dos EUA, 1954, p.21-22 apud PARK, 2002, p. 226, tradução nossa). Com essa premissa de gibis bons e ruins, a

²² “However, the fact that such hearings usually result in a self-regulatory code indicates that, in the end, the interests of the industry are a primary concern. Because Senators do not offer their own testimony at such hearings, it can be difficult to pin down the degree to which they were looking out for the industry’s interests. However, from their statements on the first day of hearings, it is possible to glean some insight into how they conceptualized the comic book problem. Senator Hendrickson made the opening statement, remarking that the subcommittee would limit its investigation to ‘those comic books dealing with crime and horror’, thus acknowledging that ‘while there are more than a billion comic books sold in the United States each year, our subcommittee’s interest lies in only a fraction of this publishing held’.

²³ “We want to end out what damage, if any, is being done to our children’s minds by certain types of publications which contain a substantial degree of sadism, crime, and horror. This, and only this, is the task at hand.”

²⁴ “The good class, clean comics, has been hurt by the publicity given to [crime and horror] comics [...] there has not been enough complimentary remarks passed on good clean comic reading”.

associação das editoras de gibis criou e enviou para o congresso um código que possuía 41 regulamentos em sete categorias (PARK, 2002). Delimitando que daquele momento em diante as revistas em quadrinhos só poderiam ser comercializadas após uma revisão submetida pelo código e inspecionada por Charles Murphy, o revisor oficial da associação (PARK, 2002). Caso aprovado, a história, o desenho e o contexto precisariam estar nas conformidades do código, se confirmado a editora colocaria um “selo de aprovação” do CMAA na capa (PARK, 2002). O artigo de Park (2002) comenta que caso no conteúdo fosse encontrado alguma reprovação de material ainda poderia ser editado e modificado e o próprio editor Murphy ou seus editores poderiam ceder comentários sugerindo como fazer com que esse material se enquadrasse nas conformidades postas pela associação.

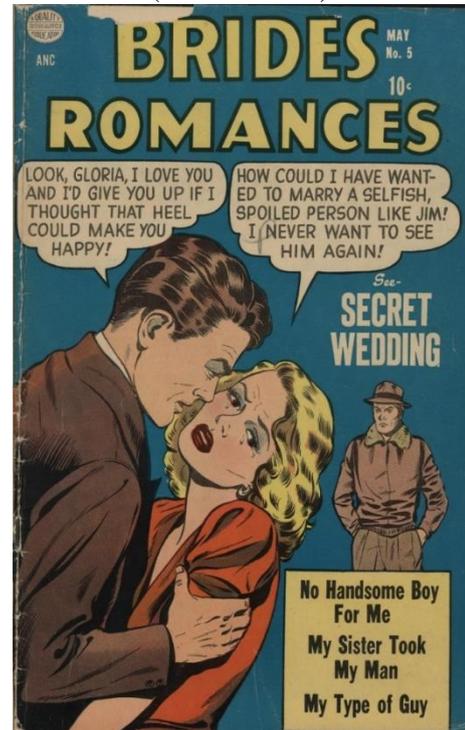
As figuras 8 e 9, demonstram as mudanças às quais a associação impôs as linhas de quadrinho. A coleção *Brides Romances* teve que suavizar suas capas e deixar as histórias menos agressivas. Como vemos antes da proibição, na figura 9, há uma capa mais dramática com a noiva sendo pega pelos ombros por seu par romântico, entrando em atrito com o artigo 2 em relação a quadrinhos de horror, crime ou qualquer um que envolva violência onde “Todas as cenas de horror, derramamento de sangue excessivo, crimes sangrentos ou terríveis, depravação, luxúria, sadismo, masoquismo não serão permitidas.” (Congresso dos EUA, 1955: 36-8 apud PARK, 2002, p.278). Sendo a partir do código considerada uma cena de depravação ao leitor, já na capa aprovada pela comissão, na figura 8, temos também o drama da personagem, mas com uma linguagem polida e um distanciamento entre os personagens principais sem um contato mais brusco. Não poderia ter mais nas histórias insinuações sexuais e imagens violentas, foram proibidas completamente histórias de terror e menções à corrupção no governo americano, artigo 3 do código. Até em relação ao matrimônio ocorreram restrições, como situações de divórcio, que só poderiam ser representadas de forma que ele fosse considerado desprezível para quem o fizesse e presunção alguma de estupros e perversões sexuais poderia ser ilustrada.

Figura 8 – Capa da edição *Brides Romances* #17 (fevereiro de 1956).



Fonte: *Brides Romances* (1956).

Figura 9 – Capa da edição *Brides Romances* #5 (maio de 1954).



Fonte: *Brides Romances* (1954).

O gênero de super-herói, porém já era considerado pelo Congresso como uma leitura promissora aos jovens, pois transmitia segurança e otimismo, demonstrava uma idealização de dever com o Estado, com o bem maior e com a honra e justiça e, de acordo com Sonia Bibely-Luyten (1985, p.62), isso era “o que todos buscavam neste momento difícil”. As temáticas dos quadrinhos de crime demonstravam uma representação realista da sociedade, e isso atingiu a parcela conservadora e ortodoxa americana, não foram só os quadrinhos que passaram por essas proibições, cinema e a televisão também tiveram muitos de seus artistas cassados. Isso foi uma amostra do período de confrontação estadunidense durante a Guerra Fria, a procura por traidores dos ideais estadunidenses, a censura nos quadrinhos permaneceu até meados dos anos 1970. Isso também demonstra uma representação do próprio momento de crise que a sociedade norte-americana estava vivendo. Tal temática agrediu por anos uma parcela muito conservadora da população. A CCA foi responsável pela grande censura nos quadrinhos, porém as ideias contra essas censuras circulavam por outras revistas independentes, e também diversos movimentos internacionais fizeram com que aos poucos as censuras fossem abolidas. As crises ocorridas decadência do sistema monetário internacional, os “choque petrolíferos”, os avanços da tecnologia, a derrota dos Estados Unidos na guerra do Vietnã em 1975 e a renúncia do

presidente Richard Nixon²⁵ foram provas que esse tipo de censura não aguentariam por muito tempo, inclusive foi se rebelando contra ela que nasceram diversos movimentos como o de contracultura e o movimento o Punk, como exemplos, de que a sociedade também passa por períodos de mudança.

3.2 O REINVENTAR DA MARVEL: A VOLTA DOS SUPER HERÓIS – ERA DE PRATA DOS QUADRINHOS

Com a chegada dos códigos os produtores de quadrinhos tiveram que buscar uma nova estratégia para atrair os leitores. Para suprir a necessidade de ação do leitor, os quadrinistas voltam seu olhar para um gênero até então esquecido pelo mercado: os heróis. Assim nasce a nova era dos quadrinhos, a era de prata²⁶. Howe (2013) vai comentar que no início desta fase temos a mesma síntese dos quadrinhos dos anos 1930, com abordagens comuns, heróis invencíveis e com superpoderes, sem a humanidade presente na sua personalidade. Além dos finais simplistas sem um maior aprofundamento em questões sociais ou psicológicas (HOWE, 2013). Então, compreendendo o período, Stan Lee e Jack Kirby (roteirista e quadrinista) criaram entre 1961 a 1963, histórias onde super-heróis faziam parte da sociedade, eles eram tão humanos quanto o leitor (HOWE, 2013). Tinham problemas não só com os vilões, mas com dilemas psicológicos e afetivos. Eles criaram o Quarteto Fantástico, os X-Men, Thor, o Hulk, o Homem de Ferro entre outros heróis e vilões próximos da realidade. (HOWE, 2013). Na obra “Marvel Comics: a história secreta”, o escritor Sean Howe (2013) vai destacar essa proximidade com o leitor, agora os heróis surgiam “da radiação metamórfica transformando um homem em uma besta verde e violenta, a um médico aleijado que vira Deus do Trovão, ou mesmo um armamentista com problemas cardíacos que constrói uma armadura de metal para enfrentar comunistas” (HOWE, 2013, p. 11). Ainda assim, se os heróis são a face dos cidadãos comuns, os vilões também são a exemplificação da ideologia social vigente. Nessa medida, como o maior temor dos norte-americanos no período era o comunismo os vilões representavam esse medo.

²⁵ Richard Milhous Nixon foi o 37.º Presidente dos Estados Unidos de 1969 até 1974, quando se tornou o único Presidente a renunciar do cargo. (NIXON, 2013)

²⁶ “Era de prata: “As ideias atingem o "equilíbrio" e são mutuamente entendidas pelo artista e pelo público. Showcase # 4, 1956; a primeira aparição do Earth-1 Flash; para Teen Titans # 31, 1971, mudança abrupta do fim das proibições e as novas ondas contracultura” (SMEES, 2009 APUD CAMPOS FILHO, 2009, p.11).

Assim, para além das esferas militar – como as guerras, por exemplo, localizadas no Vietnã e na Coreia – e diplomática – como na questão dos mísseis de Cuba – a Guerra Fria também foi disputada com ações no âmbito da cultura de massas. Como já afirmamos, a retórica da Guerra Fria influenciou a criação de personagens que iriam povoar o universo dos quadrinhos (BRANDÃO, 2018, p.2).

Dentro do novo contexto de super-heróis, Lee e Kirby, assim como o roteirista Larry Lieber, criaram em março de 1963 a primeira história do Homem de Ferro dentro da linha de quadrinhos *Tales of Suspense* (DEFALCO *et al.*, 2008). Lee buscou criar um personagem que representava a ira dos jovens da época, e ao mesmo tempo representava o capitalismo e o homem americano vigente, sobre isso Stan Lee na entrevista concedida a Patrick Archibald. (2008) afirma:

Eu acho que me dei um desafio. Foi o auge da Guerra Fria. Os leitores, os jovens leitores, se havia uma coisa que eles odiavam, era a guerra, eram os militares [...]. Então eu consegui um herói que representou isso até o centésimo grau. Ele era um fabricante de armas, ele estava fornecendo armas para o Exército, ele era rico, ele era um industrial [...]. Eu achei que seria divertido pegar o tipo de personagem que ninguém gostaria, nenhum de nossos leitores gostaria, e empurrá-lo goela abaixo e torná-los como ele [...]. E ele se tornou muito popular.

O Homem de Ferro tornou-se um dos super-heróis mais populares da Marvel Comics. Tony Stark, o homem por trás da armadura, além de ser um dos maiores fabricantes de armas dos Estados Unidos da América, foi escolhido na primeira edição da revista, como o representante da indústria bélica para ir até o Vietnã em 1963 e cuidar dos testes de seus equipamentos no próprio quartel. Seu criador Lee define a personalidade do herói como um general pronto para “resolver o problema do Vietnã” (LEE, 2008). Além disso, mesmo na sua primeira edição no quadrinho, Tony Stark já demonstra em quais pilares ele foi criado. Ao ser capturado pelos vietcongues e sofrer um acidente que afeta seu coração com pequenos estilhaços, sua inteligência é o foco da negociação, onde o personagem faz uma promessa falsa de projetar armas para o inimigo e assim poder salvar sua vida. Entretanto, ele acaba por construir uma armadura com um marca-passo para lhe sustentar a vida. Há na edição 49 da *Tales of Suspense* elementos primordiais para entender os conflitos americanos durante a Guerra Fria, e em especial sobre a guerra do Vietnã.

O Homem de Ferro é um personagem diferente dos super-heróis da era de ouro dos quadrinhos, que buscavam salvar a democracia, bem-dotados de uma moral intacta. Ele é um homem que chega na guerra pelo desejo capitalista de maior acumulação de capital.

Era necessário também a construção de um novo vilão para esse novo tipo de herói arquitetar uma nova forma de maldade. Se com o nazismo heróis como o Capitão América enfrentavam uma oposição que era pautada em superioridade de um povo sobre o outro, pensando que a base nazista advinha da crença em um povo ariano superior aos outros povos; o novo vilão precisava ser claramente político, sua maldade vinha com sua escolha de vida, por seguir um estilo de governo não capitalista, e a expansão desses ideais para outros povos. No discurso americano, o comunismo, em si, não representava a maldade física, por isso para construção deste antagonista foi necessário caracterizar a aparência do vilão. Criar um sentimento de repulsa no leitor. Sendo os vilões vietnamitas caracterizados como extremamente cruéis e dotados de baixo teor intelectual, e nas edições seguintes ²⁷vilões comunistas como o Crimson Dynamo, o Mandarin e o Titanium Man mais sofisticados, com ideias de dominação mundial. Tony Stark representava o capitalismo aberto, a livre negociação e a hegemonia americana. Seus vilões representavam o oposto: a submissão, o atraso intelectual e a perversão de um país sem ideias cristãs (COOGAN, 2006). Ainda segundo o autor:

O super-herói tem uma função significativa única. Pode ser usado para expressar ideias que outros gêneros não podem retratar também. Os super-heróis incorporam uma visão do uso do poder exclusivo para a América. Os super-heróis reforçam suas próprias visões de certo e errado sobre os outros, e possuem um poder esmagador, especialmente em relação aos criminosos comuns. Eles podem projetar poder sem perigo para si mesmos e podem resolver, sem esforço, problemas que as autoridades comuns não conseguem resolver. Essa visão de poder se encaixa muito bem com a posição em que os EUA se encontram depois da Guerra Fria²⁸ (COOGAN, 2006, p.231, tradução nossa).

3.3 HOMEM DE FERRO E O COMUNISMO

A publicação das linhas de suspense *Tales of Suspense* e *Tales to Astonish* marcaram o início dos lançamentos dos quadrinhos de ficção científica da Atlas Comics – atual Marvel

²⁷ Peter Coogan. *Superhero: The Secret Origin of a Genre* (Austin, Texas: MonkeyBrain Books, 2006). P.207

²⁸ “The superhero has a unique signifying function. It can be used to express ideas that other genres cannot portray as well. Superheroes embody a vision of the use of power unique to America. Superheroes enforce their own visions of right and wrong on others, and they possess overwhelming power, especially in relation to ordinary crooks. They can project power without danger to themselves, and they can effortlessly solve problems that the ordinary authorities cannot handle. This vision of power fits quite well with the position America finds itself in after the Cold War. America is the only superpower in the world, something like Superman in the days before other superheroes and supervillains.”

Comics – em janeiro de 1959. As histórias do Homem de Ferro foram lançadas posteriormente na edição 39 da revista, em março de 1963 (DEFALCO *et al.*, 2008). A partir de então, as histórias dos quadrinhos da Marvel Comics mudaram a temática de crimes urbanos para o âmbito da ficção, e o novo personagem se posicionou como o defensor da agenda social na luta contra o comunismo em todo o mundo (FELLMAN, 2010). O autor salienta esta posição em seu trabalho em que desde o início, aspectos da Guerra Fria permearam as histórias do Homem de Ferro. Não foi coincidência que Lee e Lieber, criadores do Homem de Ferro, tenham lançado sua história de estreia nas selvas cheias de vapor e comunistas do Vietnã (FELLMAN, 2010).

O cenário político do começo dos anos 1960 era estimulante para a produção de conteúdos sobre o anticomunismo, uma vez que o então presidente dos EUA, John F. Kennedy, teve na sua agenda principal o aumento da participação estadunidense na Guerra Civil do Vietnã. Além disso, os conteúdos dos quadrinhos estavam limitados à aprovação do selo do CMAA, aumentando as demandas por histórias que apoiassem o governo norte-americano. Neste período, a disputa dos EUA com a URSS alcançou seu ápice, fazendo com que o vilão comunista, para os norte-americanos, fosse delineado.

O personagem principal dos quadrinhos Homem de Ferro, Tony Stark, era capaz de auxiliar o governo dos EUA, já que foi introduzido como um cientista genial, dono de uma das maiores empresas armamentistas estadunidenses, que lucrava com base em contratos governamentais, mas sem negociar com os inimigos dos Estados Unidos. Nas histórias publicadas, bem como no ambiente cultural vivido pelos EUA neste período, o teor comunista estava constantemente presente, já que o comunismo era o inimigo mais preocupante frente aos ideais norte-americanos.

No Quadro 2 é possível observar a evolução do personagem, desde o lançamento de sua primeira edição (1963) até o seu encontro com o então herói norte-americano da Segunda Guerra Mundial, o Capitão América (1964). Delimitando-se a análise entre as edições 39 até 58 de *Tales of Suspense*, é possível observar, no Quadro 2, a forte presença da temática comunista atrelada aos vilões dos quadrinhos do Homem de Ferro. No mesmo quadro são apresentados breves resumos das obras em que, em diversas situações, o dualismo entre o capitalismo e o socialismo é trabalhado, como observado nos enredos do herói Tony Stark contra os vietnamitas, exército vermelho russo, socialistas chineses e espões, por exemplo.

Algumas das edições de *Tales of Suspense* analisadas não focaram explicitamente em disputas soviéticas, mesclando os enredos das histórias com viagens no tempo e combates alienígenas, por exemplo. Contudo, mesmo nestas situações, é possível observar,

implicitamente, a crítica ao estilo de vida comunista e situações que remetem a momentos históricos soviéticos. Por exemplo, na edição 40, em que o herói visita uma cidade norte-americana cuja população é forçada a adorar um homem neandertal e sua estátua, remetendo à sociedade de Stalin e a estátua presente na URSS; nesta mesma história a cidade era cercada por um muro, forçando a população a adorar o governante e seus ideais, assim como em Berlim Oriental, onde a população ficava separada por um muro do lado capitalista. Ainda em relação à publicação, vale salientar a utilização do comunismo como conceito de um chefe forte para espalhar seu modelo, mas por fora, sendo controlado por outro grupo. A análise deste episódio é apresentada por Fellman (2010, p.13) a seguir.

Os escritores desta edição não inundaram o episódio com propaganda anticomunista aberta; em vez disso, eles empregaram alegoria e substituíram invasores alienígenas pela ameaça comunista [...]. Esta edição foi publicada em abril de 1963 e o enredo pode ser conectado diretamente aos eventos da Guerra Fria dos dois anos anteriores. Em 1961, os soviéticos Construíram o Muro de Berlim e tanto o homem neandertal quanto os Soviéticos eram poderes "alienígenas" que faziam lavagem cerebral nas pessoas e usavam o terror como um instrumento de controle [...]. Uma estátua do homem neandertal erguida no centro da cidade, na qual os habitantes que sofreram lavagem cerebral, se ajoelharam ou ficaram prostrados se assemelhava ao culto soviético de personalidade que havia crescido em torno de Stalin.

Por fim, o Homem de Ferro, na edição 40, reforçava o papel do homem norte-americano na liberação dos povos oprimidos pelos governos de extrema esquerda, defendendo a democracia livre em detrimento da ditadura comunista. O mecanismo adotado pelos escritores ao fugir do vilão clássico nos enredos contribuía para que leitor compreendesse que a ameaça não era somente física, mas também de uma ideologia pregada, podendo corromper as mentes dos cidadãos norte-americanos.

Quadro 2 – Edições da revista *Tales of Suspense* da edição 39 a 58 – Homem de Ferro (1963- 1964).

Edição	Ano/mês	Conteúdo / tema da edição	Motivações do vilão	Vilão Comunista?	Temática comunista implícita ou explícita?
39	1963/março	Vendedor de armas se transforma em herói depois de ser capturado por vietnamitas durante a guerra do Vietnã, transformando-se posteriormente no Homem de Ferro	Ganhar a Guerra do Vietnã utilizando as próprias armas americanas	Sim	Sim
40	1963/abril	O Homem de Ferro livra uma cidade norte-americana que estava sendo hipnotizada para idolatrar um homem neandertal, este, controlado por alienígenas	Volta aos tempos neandertais	Não	Sim
41	1963/maio	Um feiticeiro, ameaça lançar uma bomba poderosa na Terra e o Homem de Ferro o detém, nesta edição foram ilustrados ambos os presidentes dos EUA quanto o governante da URSS	Dominação mundial	Não	Sim
42	1963/junho	Agentes comunistas infiltrados nos EUA tentam roubar a nova arma que o Homem de Ferro havia desenvolvido para o governo norte-americano	Dominação mundial dos comunistas	Sim	Sim
43	1963/julho	O Homem de Ferro é sequestrado pela rainha do Mundo Inferior para que ele construa uma máquina que permita trazer este reino à superfície e dominar a Terra	Dominação mundial através do poder bélico	Não	Não
44	1963/agosto	Um antigo Faraó ressuscita nos dias atuais da época para tomar o poder	Retomada do poder	Não	Não
45	1963/setembro	Um dos antigos cientistas do personagem Tony Stark se rebela a fim de conseguir mais dinheiro e usar sua inteligência para benefício próprio, atacando um banco com uma armadura de gelo.	Compensação financeira	Não	Sim
46	1963/outubro	O presidente da URSS ordena que cientistas soviéticos recriem a armadura do Homem de Ferro e derrote o herói. Depois de recriar a armadura, o cientista é derrotado pelo Homem de Ferro e é persuadido a trabalhar para o governo norte-americano	Dominação mundial dos Comunistas	Sim	Sim

Edição	Ano/mês	Conteúdo / tema da edição	Motivações do vilão	Vilão Comunista?	Temática comunista implícita ou explícita?
47	1963/novembro	Há uma competição comercial entre os personagens Tony Stark e Bruno Horgan para vender mais produtos ao Pentágono. No meio da competição, o concorrente de Tony Stark trapaceia, tornando-se o vilão da trama.	Disputa pela venda bélica de produtos para o governo	Não	Sim
48	1963/dezembro	Um feiticeiro chantageia milionários para se enriquecer por meio de bonecas vodu	Compensação financeira	Não	Não
49	1964/janeiro	Durante testes de uma bomba atômica nas instalações das Indústrias Stark, um <i>X-Men</i> , é atingido e modificado pela radiação. O <i>X-Men</i> se torna maligno, mas é capturado e reconvertido para o lado do bem pelo Homem de Ferro	Atingido por radiação atômica	Não	Sim
50	1964/fevereiro	Na China comunista, o Exército Vermelho Chinês fracassa ao convencer o cientista Mandarin a unir forças. O cientista pretende dominar a Terra sozinho, mas é impedido pelo Homem de Ferro na China, o herói consegue voltar aos EUA com o auxílio do Pentágono	Dominação mundial e ameaça comunista	Sim	Sim
51	1964/março	Um criminoso realiza seu último roubo antes de fugir para Cuba, o Homem de Ferro tenta capturá-lo antes de sua chegada à Cuba	Compensação financeira	Não	Sim
52	1964/abril	Khrushchev manda seus agentes para executarem os personagens Tony Stark e Vanko, cientista soviético que mudou de lado (apresentando na edição 46). O personagem dos quadrinhos Khrushchev é baseado no então governante da URSS	Dominação mundial e ameaça comunista	Sim	Sim
53	1964/maio	Uma agente soviética rouba o novo aparelho antigravitacional desenvolvido pelo personagem Tony Stark e ataca o Fort Knox. Na trama o Homem de Ferro acaba destruindo o aparelho roubado, mas a agente soviética acaba escapando	Dominação mundial e ameaça comunista	Sim	Sim
54	1964/junho	Após fracassos nos testes de mísseis no Vietnã, o Homem de Ferro parte para averiguar sua razão e acaba descobrindo o esconderijo do cientista Mandarin. Ao atacar o esconderijo, o herói acaba sendo capturado	Dominação mundial	Sim	Sim

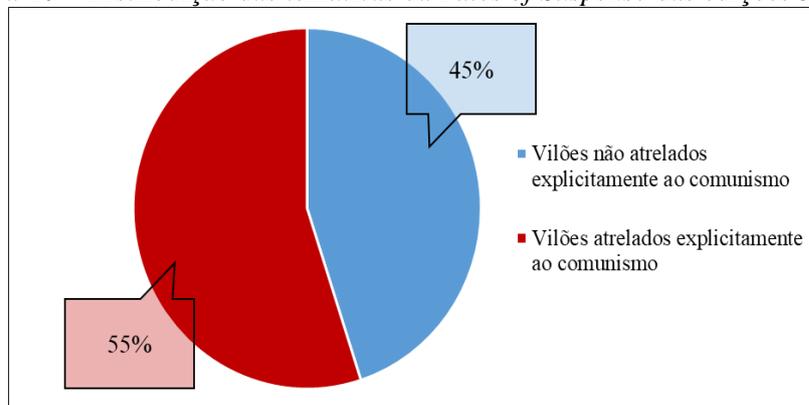
Edição	Ano/mês	Conteúdo / tema da edição	Motivações do vilão	Vilão Comunista?	Temática comunista implícita ou explícita?
55	1964/julho	Ainda capturado pelo cientista Mandarin, o Homem de Ferro descobre como o vilão sabotava os mísseis norte-americanos e encontra uma maneira de derrotá-lo	Dominação Mundial	Sim	Sim
56	1964/agosto	Um espião soviético, equipado com uma armadura de alta tecnologia chega nos EUA para capturar o Homem de Ferro. Na trama o espião rapta a secretária do Homem de Ferro e ameaça destruir sua fábrica para que o herói se renda ao espião, mas no trajeto de volta ao país do espião, o Homem de Ferro consegue se libertar	Dominação mundial e ameaça comunista	Sim	Sim
57	1964/setembro	Um atirador tenta se tornar um herói, mas fracassa após um mal-entendido com a polícia. Este personagem acaba se envolvendo com uma agente soviética e atacam o Homem de Ferro; o ataque acaba após a agente soviética ser ferida e precisar ser socorrida	Ameaça comunista	Sim	Sim
58	1964/outubro	Ocorre o primeiro encontro entre o Homem de Ferro e o Capitão América, onde um espião comunista engana o Homem de Ferro para a atacar o Capitão América.	Dominação mundial e ameaça comunista	Sim	Sim

Fonte: Elaborado pela autora

Analisando as temáticas das vinte edições levantadas, como observado no Quadro 2, é possível notar que 55% dos vilões eram abertamente comunistas trabalhando para a URSS, em contraste com os 45% de vilões que não estavam ligados explicitamente ao comunismo. Esta distribuição é apresentada na figura a seguir.

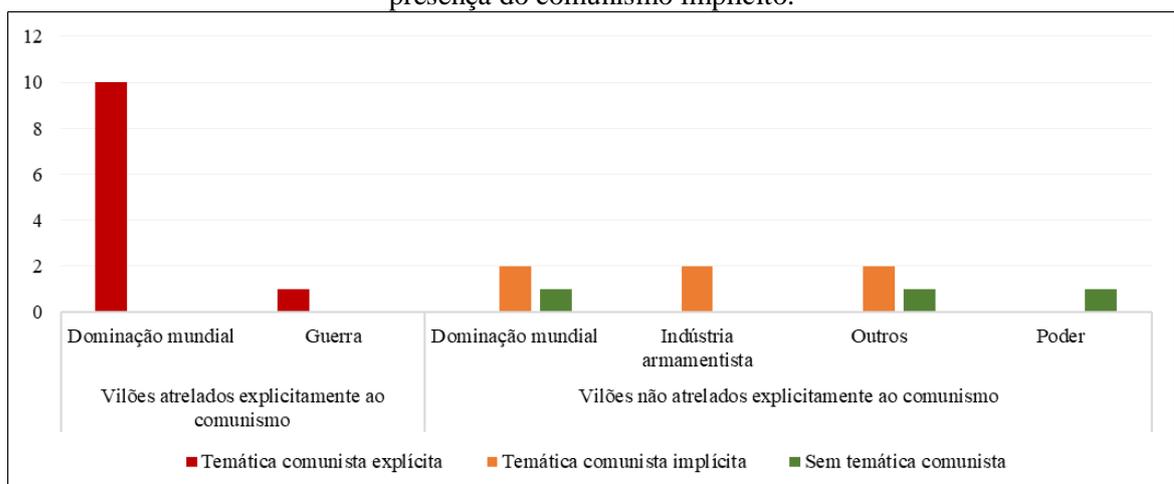
Como mencionado anteriormente, algumas das publicações abordavam a temática comunista de maneira implícita em seus enredos, por isso, dentro da categoria “vilões não atrelados explicitamente ao comunismo” apresentado na Figura 10 foram separadas as edições com temáticas comunistas implícitas e sem temáticas comunistas, como apresentado na Figura 11.

Figura 10 – Distribuição das temáticas da *Tales of Suspense* das edições 39 a 58.



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 11 – Distribuição das temáticas da *Tales of Suspense* das edições 39 a 58, considerando a presença do comunismo implícito.



Fonte: Elaborado pela autora.

Com a subclassificação da temática comunista implícita ou sem temática comunista é notável o quanto o comunismo foi abordado nas edições presentes nos anos de 1963 e 1964 nos

quadrinhos das histórias do Homem de Ferro. A Figura 11 acrescenta as “motivações do vilão” de cada história, na qual é frequente a abordagem dos temas: dominação mundial, o poder e a indústria armamentistas.

Os enredos das edições categorizadas com a presença da temática comunista implícita faziam alusões a problemas ideológicos que o governo norte-americano enfrentava com o comunismo. As alusões estavam presentes de diversas maneiras, seja pela criação do vilão aos moldes dos perfis soviéticos, posicionando-o contra o livre capital e a democracia, com tendências ditatoriais ou simplesmente pelos personagens utilizarem vestimentas na cor vermelha e ter aparências mais grosseiras.

Nestas histórias, há períodos de crises ideológicas em que os EUA devem salvar as nações ameaçadas pelas lideranças ditatoriais, semelhante ao ideal combatido durante a Segunda Guerra Mundial, o nazismo. Se antes a figura do mal se estendia à face de Adolf Hitler, no comunismo, o mal representava a forma de governo socialista, e não era representado por uma pessoa específica, o que ajuda a justificar a diversidades de vilões presentes nos quadrinhos da época.

Em relação à política estadunidense da época e sua relação com os quadrinhos publicados do Homem de Ferro, observam-se evidências que demonstram essa política e a visão ideológica que buscava ser transmitida pelas publicações. Na Figura 12, a capa da edição 39 de *Tales of Suspense*, é apresentado o herói Homem de Ferro e em sua descrição: “*He lives! He walks! He conquers!*”, ou seja, “Ele vive! Ele anda! Ele conquista!”, uma tradução livre. Na frase da capa da primeira edição do Homem de Ferro (edição 39) já é claro que o objetivo do herói é conquistar aqueles que não respeitam a integridade norte-americana.

Na Figura 13, uma das páginas da edição 39 dos quadrinhos do Homem de Ferro, o personagem é apresentado como rico, bonito e um *playboy* glamoroso, constantemente na companhia de mulheres bonitas e adoráveis. Esse estereótipo representa o homem norte-americano do período pós Segunda Guerra Mundial que a classe média poderia se inspirar (GENTER, 2007). Segundo Genter (2007), além destas características mais superficiais, o personagem, Tony Stark, representava, também, a tendência ideológica do homem para a nova sociedade. Ainda em relação à Figura 13, o personagem Wong-Chu, “o tirano guerrilheiro vermelho” é o primeiro vilão estereotipado apresentado e Genter (2007) defende que este foi elaborado como uma alusão ao então líder Ho Chi Minh²⁹. Nesta publicação (edição 39), os

²⁹ Ho Chi Minh foi líder vietnamita que durante os anos 50 lutou pela a independência vietnamita quanto sucesso comunismo em seu país. Ele organizou a derrota dos franceses em 1954 na histórica batalha de

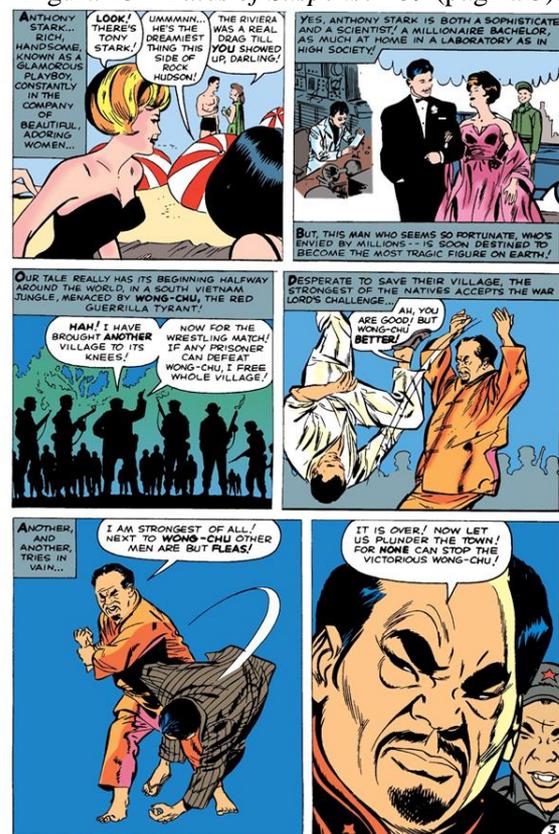
escritores evidenciam a confiança norte-americana e a vantagem tecnológica sobre os comunistas.

Figura 12 – *Tales of Suspense* #39 (capa).



Fonte: *Tales of Suspense* (1963).

Figura 13 – *Tales of Suspense* #39 (página 3).

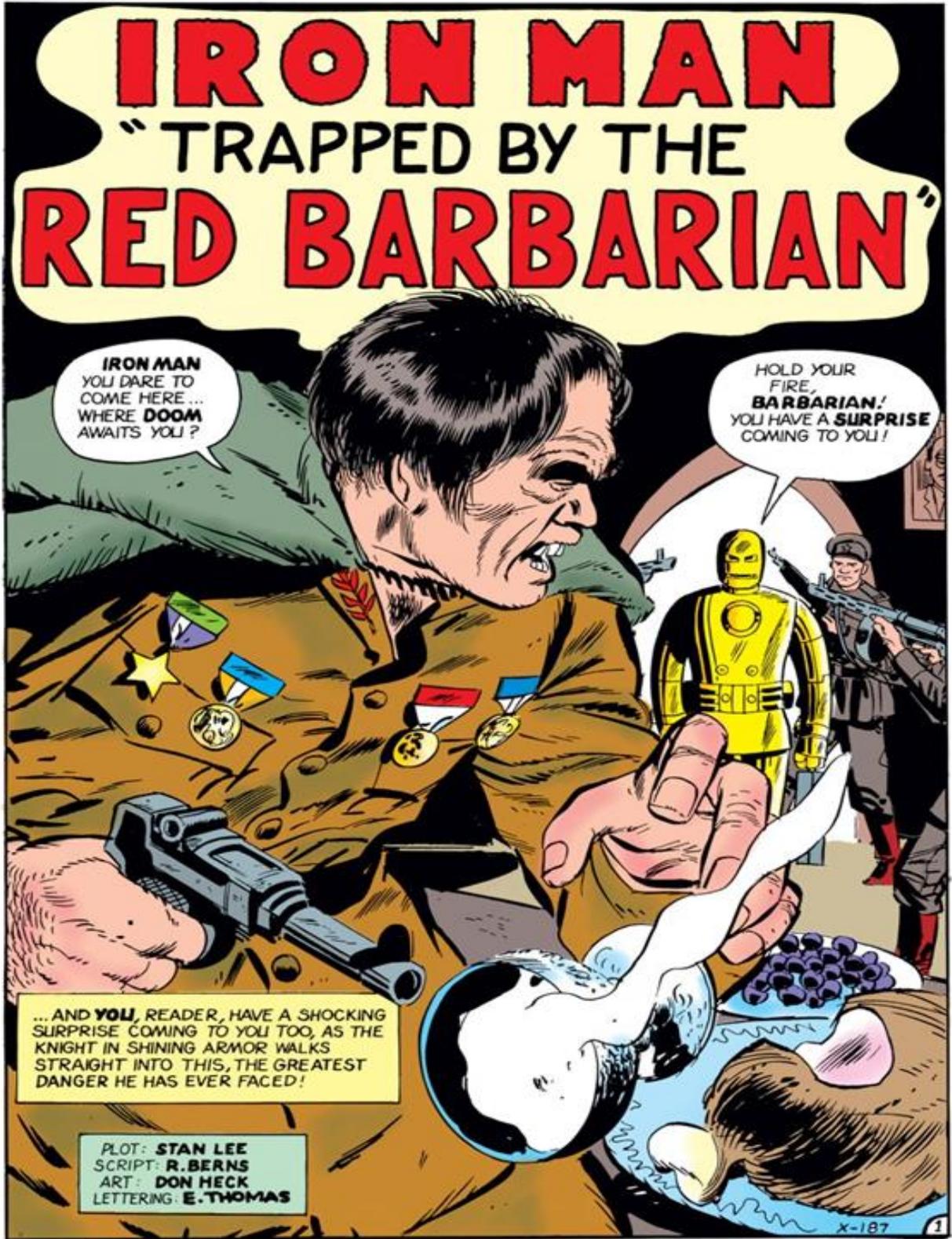


Fonte: *Tales of Suspense* (1963).

Na Figura 14, edição 42 da *Tales of Suspense*, o vilão comunista é o ponto central da história, apresentado como um homem bárbaro e sem escrúpulos. Nesta mesma figura é possível observar o personagem com traços rústicos, lembrando o vilão, mencionado anteriormente, da edição 40. Na Figura 14, o personagem intitulado de “O Bárbaro Vermelho”, também chama a atenção pela chamada: “E você leitor, há uma chocante surpresa esperando na medida que o cavaleiro da armadura brilhante adentra para o maior perigo que ele já enfrentou!”.

Dienbienphu. Esta batalha, um triunfo da estratégia de guerrilha, veio nove anos depois de ele ter sido nomeado Presidente da República Democrática do Vietnã (WHITMAN,1969).

Figura 14 – *Tales of Suspense* #42 (capa).



Fonte: *Tales of Suspense* (1963).

Em relação à edição 42 de *Tales of Suspense*, demonstrada na Figura 14, Genter (2007) salienta que o narrador basicamente censurou qualquer leitor que "não sabia nada da Guerra Fria!", pois, ao longo de sua narrativa, são introduzidos personagens reais do comando Soviético, como, por exemplo, no meio da história um espião faz uma réplica do Homem de Ferro e o então representante da URSS, o líder Khrushchev, aparece como um dos personagens. Seus traços já são de um líder político não de um bárbaro. Já o soldado soviético, representado pelo Bárbaro Vermelho, foi representado comendo um presunto. Khrushchev era um vilão real para os estadunidenses, e sua presença na ficção deixava isso ainda mais claro. Como Wong-Chu na primeira história, o Bárbaro Vermelho, foi exibido como completamente irracional e paranoico. O oposto claro do homem de bem norte americano, culto e bondoso. O Homem de Ferro representava o soldado sensato dos Estados Unidos. Um homem que busca levar a justiça e a democracia para nações injustiçadas. Ainda sobre essa edição Fellman (2010, p.14) salienta:

É importante lembrar que os Rosenberg³⁰ foram executados apenas uma década antes da publicação desta edição. O medo americano de espionagem foi assim fundado em eventos históricos reais, mas essa questão demonstrou que esse medo demorou a desaparecer e ainda existia em 1963. Essa mesma edição também retratava os americanos como confiantes e levemente arrogantes, mas ainda paranoicos devido a uma constante ameaça à segurança interna. A mensagem basicamente era "Leitores, cuidado, os vermelhos estão em toda parte e querem destruir a América!".

Na edição 39 de *Tales of Suspense*, na Figura 15, a primeira edição com histórias sobre o Homem de Ferro, os autores deixam claro a personalidade do herói, em que Tony Stark é um personagem masculino que representava os interesses estadunidenses, e por meio de sua empresa de armas poderia resolver os problemas no mundo. Nessa edição, o personagem, de forma explícita, diz: "Agora você acredita que os transmissores que eu inventei são capazes de resolver seus problemas no Vietnã?" E com essa frase é possível inferir que a indústria bélica norte-americana tornava a vitória possível. Esta indústria, era colocada como a solução da paz e não a causa na guerra uma vez que os soldados estadunidenses viam as armas como a solução para a guerra e o herói é apresentado como um gênio e um visionário.

³⁰ Julius e Ethel Rosenberg foram executados dia 19 de junho de 1953, após serem denunciados e condenados por espionagem. As acusações foram em relação à transmissão de informações sobre a bomba atômica para a União Soviética (FOLHA DA MANHÃ, 1953).

Figura 15 – *Tales of Suspense* #39 (página 2).



Outro ponto a ser destacado em sua primeira aparição é o papel dos Estados Unidos como salvadores de nações dominadas por tiranos. Pela fala do professor Yinsen na figura 16, ele grita "Morte ao malvado tirano!" E sacrifica sua própria vida para que o herói Homem de Ferro consiga tempo suficiente energizar sua armadura. Essa representação clara de que, os povos ali dominados nem sempre estão a favor do ditador dominante, e no caso no Vietnã, o povo é tratado como refém dos tiranos comunistas. Ao ser representado como primeiro vilão do Homem de Ferro, Wong-Chu moldou as imagens dos próximos comunistas retratados nos quadrinhos do herói. Os motivos deste vilão nunca foram apresentados, sendo apresentado apenas como louco e faminto pelo poder. Traços que todos os vilões comunistas levariam adiante em suas aparições. Na figura 17 ele ainda seria apresentado como primitivo ao empurrar a estante no Homem de Ferro, e por não possuir tecnologia equivalente. Também louco por quer matar seus inimigos a todo custo.

Fellman (2010, p.13, tradução nossa) ainda vai dizer que:

Wong-Chu era uma ameaça para a América e as democracias do mundo inteiro. Embora ele parecesse ser pouco mais que um pequeno senhor da guerra no Sudeste Asiático, seu governo despótico era uma das quintas colunas comunistas contra as quais Sir Winston Churchill advertiu em seu discurso "Sinews of Peace". Neste famoso discurso, o famoso orador advertiu que as quintas colunas ao redor do mundo "trabalham em completa unidade e absoluta obediência às direções que recebem do centro comunista", que, naturalmente, era Moscou. O discurso de Churchill foi extremamente influente na formação da visão ocidental da Rússia soviética após o fim da Segunda Guerra Mundial. Outra peça influente de retórica no pós-guerra foi a Doutrina Truman, publicada em 1947 em resposta à Guerra Civil Grega e que ajudou a moldar a política americana de Contenção. Quase vinte anos depois, o impacto das palavras de Truman e Churchill permaneceu evidente na forma não só da política oficial do governo, mas também em saídas de entretenimento³¹.

³¹ Although he appeared to be little more than a petty warlord in South East Asia, his despotic rule was one of the communist fifth columns that Sir Winston Churchill cautioned against in his "Sinews of Peace" speech. In this now-famous speech the famed orator warned that fifth columns around the world "work in complete unity and absolute obedience to the directions they receive from the communist center," which of course was Moscow. Churchill's speech was extremely influential in shaping the Western view of Soviet Russia after the Second World War had ended. Another influential piece of rhetoric in the postwar period was the Truman Doctrine, which was issued in 1947 in response to the Greek Civil War and which helped to shape the American policy of Containment. Almost twenty years later, the impact of Truman's and Churchill's words remained evident in the form not only of official government policy, but also in outlets of entertainment.

Figura 16 – *Tales of Suspense* #39 (página 7).

Fonte: *Tales of Suspense* (1963).

Figura 17 – *Tales of Suspense* #39 (página 12).

Fonte: *Tales of Suspense* (1963).

Outro medo visível nas edições do Homem de Ferro era a ameaça nuclear. Esse nível de violência letal para com a humanidade fortaleceu ainda mais o herói. Na figura 18 temos no quadro em rosa a legenda que diz que o Homem de Ferro tem que evitar a destruição da cidade, causada por seu próprio armamento, roubado pela “Rússia Vermelha”. A incapacidade de fazer a própria tecnologia é outro ponto que o quadrinho destacava ao longo das edições. Desta edição 46 mostrou como os assuntos internacionais da Guerra Fria eram incluídos na história. A edição claramente faz referência à crise dos mísseis cubanos de 1962. Onde vilões em destaque eram dois personagens soviéticos, Nikita Khrushchev e o cientista louco Dr. Vanko, que também era conhecido como o Crimson Dynamo. Segundo Fellman (2010) este exemplar foi publicado quase um ano após da Crise dos Mísseis de Cuba, o que dizia que até mesmo os jovens leitores iriam reconhecer e sentiria alguma forma de emoção em relação ao personagem de Khrushchev.

Os momentos históricos foram motivações a quais os escritores forneciam uma estrutura mais convincente para suas histórias e faziam com que os leitores entendessem as motivações dos heróis com mais proximidade. Fellman (2010) dirá que os escritores Stan Lee e Larry Lieber “devem ter sido influenciados pelas famosas palavras de Churchill e Truman, e talvez o conteúdo da história de *Tales of Suspense* seja evidência de que eles também concordaram com as ideologias dos líderes (FELLMAN, 2010, p.13).

Vemos na figura 19, outra proposta do quadrinho, demonstrar que até dentro das organizações comunista havia disputas pelo poder. O vilão Mandarin era parte da China comunista, mas não cedia ao governo imposto. Dentro deste cenário, o vilão não disputava o poder apenas com o herói, mas também com o órgão interno que regia seu país. Os autores queriam apresentar de uma forma lúdica as multífaces que a guerra pelo poder acontecia nos governos comunistas, enquanto dentro dos EUA, o governo e poder público – representado pelo Homem de Ferro- trabalhavam em conjunto. Isso também era um realce para dualidade da disputa comunista e capitalista.

Figura 18 – *Tales of Suspense* #46 (capa).



Fonte: *Tales of Suspense* (1963).

Figura 19 – *Tales of Suspense* #48 (página 3).



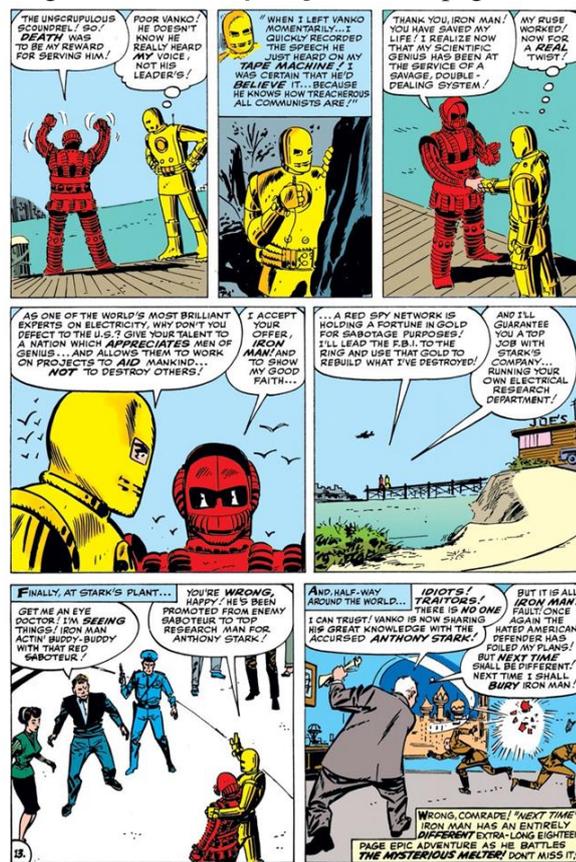
Fonte: *Tales of Suspense* (1963).

Ainda na edição 46 apresentada na figura 20, vemos que os vilões também podem mudar de lado quando ele apresenta o fato de que todos os comunistas eram traiçoeiros. O vilão só podia concordar que o sistema soviético era "selvagem e de duplo trato". Mesmo assim, na obra é visto que o cientista comunista só mudaria de lado quando enganado pelo Homem de Ferro: “Meu trabalho árduo funcionou, para uma virada verdadeira”. As vezes até os mais justos precisam manipular para o bem de todos. Essa era a concepção desta edição, também descreveu

a visão americana de que os soviéticos só poderiam vencer a Guerra Fria por meio de traição e sedição. Já que os espões na história representavam os agentes duplos e infiltrados.

A ameaça de destruição mútua era familiar para qualquer americano na época, já que o mundo o evitara por pouco na crise dos mísseis cubanos. Este episódio é o cruzamento mais próximo do momento histórico e do entretenimento de qualquer uma das quatro revistas em quadrinhos discutidas. O Crimson Dynamo, como o histórico Khrushchev, concedeu aos EUA, mas em um passo adiante ele também desertou. (...) Em seu estado de espírito paranoico da Guerra Fria, os políticos viam inimigos ao seu redor, assim como ocorreu durante a era McCarthy. No entanto, as raízes de sua ideologia remontam ao discurso de despedida do presidente Eisenhower à nação em 1961. Ele advertiu os Estados Unidos que, "Nos conselhos de governo, devemos nos precaver contra a aquisição de influência injustificada, seja procurada ou não, por o complexo industrial militar". Esse discurso ocorreu menos de dois anos antes da publicação deste número. O medo dos políticos da história em quadrinhos revelou que os americanos, embora confiantes e orgulhosos de sua superioridade militar, temiam sua ameaça potencial à democracia (FELLMAN, 2010, p.17).

Figura 20 – *Tales of Suspense* #49 (página 18).

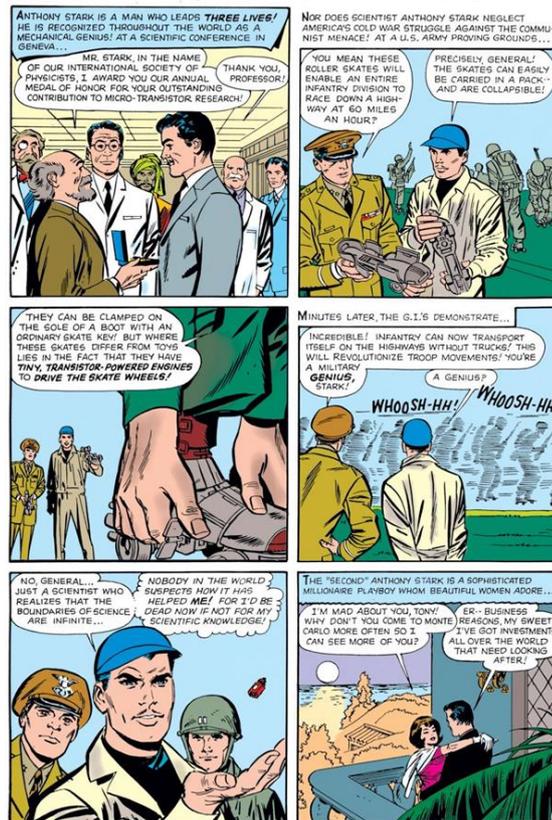


Fonte: *Tales of Suspense* (1964).

Na Figura 21, temos a segunda página da edição 40, onde vemos o cientista testando armas para o governo estadunidense. Mesmo sem ter um vilão comunista nesta edição, há partes onde o herói lida com o conflito bélico no seu dia a dia. No segundo quadrinho da Figura 21 o narrador fala com o leitor: “Nem mesmo o cientista Anthony Stark negligenciou a Guerra Fria

na América. Confrontando o governo comunista, testando armamentos na área estadunidense destinada a testes”. O personagem por sua empresa e profissão, além de herói, também lucra com vendas de armas, por isso, vemos em praticamente todas as edições aparições das bases ou do exército norte americano.

Figura 21 – *Tales of Suspense* #40 (página 2).



Fonte: *Tales of Suspense* (1963).

A temática do Homem de Ferro, em relação aos avanços científicos na época, representava grande parte da realidade vivida pelos pesquisadores norte-americanos, observado na mudança do foco das pesquisas do personagem, dando mais foco para temas militares (GENTER, 2007). Durante a Segunda Guerra Mundial, as pesquisas do governo norte-americano se voltaram fortemente para as demandas da defesa militar e do governo federal, inclusive, neste período, a velocidade das pesquisas, nessas temáticas, desenvolvidas nas universidades é questionada por ameaçar as bases práticas científicas tradicionais (GENTER, 2007).

Outra preocupação do governo norte-americano foi com a lealdade das pessoas participantes nas pesquisas, representado pela Lei de Segurança Nacional de 1947, mais especificamente, o sistema federal de credenciamento de segurança, que permitia que o governo

investigasse a vida social, política e privada dos cientistas (GENTER, 2007). A temática foi apresentada nos quadrinhos na edição 46 em que o personagem Anthony Stark tem sua lealdade colocada questionada por trabalhar para o governo comunista em detrimento do governo norte-americano (GENTER, 2007).

Na edição 53, apresentada na Figura 22 Acima, temos dois pontos que o quadrinho aborda: a espionagem e a mulher dentro do mercado de trabalho. No pós Segunda Guerra Mundial a mulher ganhou espaço na economia norte americana. Temos ao longo das edições secretárias, vilãs e espãs. Ainda que, seus papéis não fossem iguais aos dos homens, em questão de responsabilidade e força, vemos uma diferença drástica no modelo de história passada, onde as mulheres eram apenas pares românticos ou donzelas indefesas. Aqui, o herói tem que enfrentar a dualidade da espã comunista, com seu charme e sua ganância pelo poder. No quinto quadro da Figura 22, é apresentado o pensamento do personagem, Homem de Ferro, “Boris foi derrotado. Deixarei a Viúva Negra ir (...) afinal, ela é ainda adorável”. Após essa fala, temos o retrato perfeito do que se imaginava de um espã, ela cai na armadilha do herói e pega as joias com rastreadores que Stark deixou para ela. O perigo da espionagem estava exatamente na aparência destes infiltrados, mesmo os norte-americanos sendo confiantes de sua superioridade bélica, temiam sua ameaça potencial à democracia. Havia um constante medo de quem seriam essas pessoas, e como elas poderiam usar o próprio poderio estadunidense contra eles mesmos. Ainda Fellman (2010) irá dizer que “existia mais sob a fachada de super-heróis e brincadeiras inteligentes nos gibis do Homem de Ferro. As histórias, imagens e diálogos da série revelaram uma América orgulhosa de seus militares e confiante em sua superioridade moral” (FELLMAN, 2010, p.17). Porém como visto nas imagens, esse Estados Unidos mostrado nas páginas dos quadrinhos demonstravam uma sociedade muito mais perturbada, tentando esconder seus problemas, que um governo pacífico em contraposição aos violentos soviéticos. As imagens demonstram na verdade que a violência estava em ambos os lados.

Figura 22 – Tales of Suspense #53 (página 6).



Fonte: Tales of Suspense (1964).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os quadrinhos do Homem de Ferro, em suas primeiras vinte edições, é visto que o personagem exemplifica o modelo norte americano de estilo de vida, da mesma forma que os filmes de Hollywood eram ferramentas de propaganda eficaz, mas possuíam proibições conforme o Escritório de Informação de Guerra (OWI na sigla em inglês) delimitava com os estúdios de Hollywood. Assim como o cinema, os quadrinhos teriam suas proibições alinhadas com o órgão CMAA, que impôs um selo de aprovação para os quadrinhos considerados “aceitáveis” para circulação no mercado estadunidense. Com isso os produtores de quadrinhos utilizavam tanto o sentimento de patriotismo como interesse de mercado para colaborar com as políticas propostas pelo governo norte americano na década de 1960.

O super-herói foi vendido para os leitores como um ideal a ser seguido, e suas histórias percorreram não só o território estadunidense como outros países internacionais levando o estilo americano e o inimigo comunista para outras fronteiras.

Ao analisar as perspectivas teóricas sobre a formação da Guerra Fria, o trabalho demonstrou que as políticas estadunidenses reforçaram o papel do inimigo soviético para manutenção da ordem capitalista no sistema mundial. Com isso, os EUA utilizavam do mesmo contexto criado durante a Segunda Guerra Mundial onde as dualidades eram apresentadas, como o bem e o mal, o certo e o errado, o capitalismo e o comunismo. As delimitações entre um e outro conceito tinham de ser muito precisas para que o inimigo fosse aceito pelos cidadãos norte-americanos. Uma das manifestações e forma de propagar essa cultura foi a criação de narrativas ficcionais, que se transformaram em símbolos, como o Homem de Ferro.

Nesse conceito de dualidade, o americanismo é apresentado como a opção certa de estilo de vida para os estadunidenses, sendo este modelo de vida baseado na forma de produção estadunidense de consumo em massa. Uma clara contestação ao modelo de socialismo de Estado apresentado pela URSS.

O personagem Homem de Ferro é criado no contexto da Guerra do Vietnã, e suas histórias foram traçadas seguindo os eventos históricos norte-americanos e buscavam mesclar a realidade com a ficção, introduzindo personagens reais na trama fictícia. Quando nos jornais eram noticiados espões e perigos de bombas nucleares, o Homem de Ferro lutava sozinho com os mesmos perigos que os leitores liam em suas notícias diárias.

Uma reflexão sobre o tema leva a constatações que vão além do que foi apresentado. Com tamanha exposição, os quadrinhos também fizeram com que os leitores, principalmente os jovens, compreendessem através dessas histórias o papel negativo que existia nesta indústria

da guerra. O Homem de Ferro também era a representação dos milhões de dólares que a indústria bélica estadunidense arrecadava e a violência a qual a cultura norte americana se apresentava com as culturas diferentes. Por isso, logo no final da década de 1960, o movimento contracultura iria surgir nos EUA e os quadrinhos seguiriam o exemplo dos seus jovens leitores.

Inclusive a indústria de quadrinhos começou a deixar claro que modificava seu conteúdo com medo de não ser aprovado no selo de aceitação do CMAA. Mesmo que os heróis continuassem, por muito tempo, ainda comprometidos com a Guerra Fria, quando a opinião pública mudou, os personagens se demonstraram enganados como a população. A mídia sempre deu um jeito de corrigir os erros passados. E, no exemplo do Homem de Ferro, seus inimigos sempre se atualizavam com os novos interesses norte-americanos. Uma prova disso foi a saga lançada no cinema do Homem de Ferro, onde os vilões vietnamitas foram modificados para islamitas no Irã. A mesma fórmula de achar um inimigo oposto às ideias estadunidenses foi aplicada. E o vilão que agora ameaçava o estilo de vida norte americano era de uma religião ditatorial. Mas que a disputa real esconde ganhos econômicos bruscos, deste caso, o petróleo.

Para futuras pesquisas seria interessante analisar o papel dos inimigos contemporâneos no ideal americano para a concepção de novos preconceitos e dualidades na sociedade norte americana. Como a construção do vilão também gera problemas internos para aqueles cidadãos que não seguem o padrão imposto pelo estilo de vida estadunidense. Afinal, esse trabalho demonstrou que a construção do inimigo se renova com a necessidade de justificar um aumento dos gastos bélicos. Por isso é importante compreender os padrões da sociedade e os quadrinhos são um ótimo material para desenvolver tais pesquisas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ACTION COMICS. Nova York: DC, n.41, out. 1941

Aguiar, J.; Moreira, G.. História In Quadrinhos: Os Comics Da Marvel Como Fonte Para Se Pensar A Vida Política Dos EUA No Século XXI. **Igualitária: Revista do Curso de História da Estácio BH**, América do Norte, 117 12 2015

ALMEIDA, Rodrigo Torres de. **Construção e Expansão do Complexo Industrial-Militar Norte-Americano: Um passo em direção ao poder global**. 2013. 109 f. Tese (Doutorado) - Curso de Economia Política Internacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: BACZKO, Bronislaw. **Enciclopédia Einaudi**. 5. ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985. p. 296-332.

BENTON, Mike. **Horror Comics: The Illustrated History**. Dallas: Taylor Publishing, 1991. 147 p.

BERNSTEIN, Irving. **Guns or Butter: The Presidency of Lyndon Johnson**. New York: Oxford University Press, 1996. 656 p.

BERTOLINO, Osvaldo. A crise do trabalho. **Princípios**, São Paulo, n. 46, p.19-21, ago. 1997

BIAGI, Orivaldo Leme. O imaginário da Guerra Fria. **Revista de História Regional**, v. 6, n. 1, p. 61-111, 2001.

BIBE-LUYTEN, Sonia Maria. **O que é história em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.

BRANDÃO, Leonardo. “Asilo” e “o Grande Urso”: a Guerra Fria nas Histórias em Quadrinhos do Capitão América (1989). **Fronteiras**, v. 20, n. 35, p. 174-190, 2018.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Construindo o Estado republicano: democracia e reforma da gestão pública**. Editora FGV, 2018.

BRIDES ROMANCES. Nova York: Quality, n.17, fev. 1956

BRIDES ROMANCES. Nova York: Quality, n.5, fev. 1954

CAMPOS FILHO, Celso de Sousa. **Os quadrinhos como forma de propaganda ideológica**. 2009. 34 f. Monografia (Graduação) - Curso de Publicidade e Propaganda, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2009

CAPTAIN AMERICA. Nova York: Timely, n.1, mar.1941

CASTORIADIS, Cornelius. A instituição e o imaginário: primeira abordagem. In: CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 139-197

COOGAN, Peter. **Superhero: the secret origin of a genre**. Austin: Monkeybrain Books, 2006.

COSGROVE, Ben (Ed.). **LIFE With Classic Comics: In Praise of an American Art Form**. 2014. Disponível em: <<https://time.com/22575/classic-comics-in-praise-of-an-american-art-form/>>. Acesso em: 20 jun. 2019

DA SILVA FILHO, Edison Benedito; DE MORAES, Rodrigo Fracalossi. **Dos "dividendos da paz" à guerra contra o terror: Gastos militares mundiais nas duas décadas após o fim da guerra fria-1991-2009**. Texto para Discussão, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2012

DANTAS, Gilson. O setor bélico norte-americano em sua condição de estímulo econômico: algumas notas para um debate contemporâneo. In: **ECONOMIA E SOCIEDADE NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO**., 20., 2005, Campinas. **Anais...** . Campinas: Unicamp, 2005. p. 1 - 13.. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%e7%f5es/GT3/gt3m4c4.pdf>>. Acesso em 27 jun. 2019.

DE SOUSA, Fernando (Ed.). **Dicionário de relações internacionais**. Afrontamento, 2005.

DE SOUZA, Alan Rodrigues. A atualidade do americanismo e fordismo em Gramsci. **Revista Urutágua**, Maringá, n. 9, p.1-6, abr. 2007. Quadrimestral.

DEFALCO, Tom *et al.* **Marvel Chronicle**. Nova Iorque: DK Books, 2008.

DOUGALL, Alastair; KINDERSLEY, Dorling. **The Marvel Comics Encyclopedia: The Definitive Guide to the Characters of the Marvel Universe**. Nova Iorque: Dk Publishing, 2009.

DUGAICH, Cibela Mara. **O marketing político americano da guerra fria: discurso, mistificação e mídia**. 2001. 254 p. Tese (Doutorado) - Curso de Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2001.

ELSTER, Jon. Reflexões sobre a transição para o socialismo. **Lua Nova**, São Paulo, n. 22, p. 107-131, Dec. 1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451990000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 jun. 2019.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. John F. Kennedy (1961-1963: John F. Kennedy). **Inaugural Address, 20 January 1961**. Washington, 20 janeiro de 1961. Disponível em: <<https://www.jfklibrary.org/learn/about-jfk/historic-speeches/inaugural-address>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. White House. White House (Comp.). **Introduction to the historical tables: Structure, coverage and concepts**. 2018. Disponível em:

<<https://www.whitehouse.gov/sites/whitehouse.gov/files/omb/budget/fy2018/hist.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

FELLMAN, Paul. Iron Man: America's Cold War champion and charm against the communist menace. **Voces Novae**, v. 2, n. 1, p. 3, 2010.

FOLHA DA MANHÃ (Brasil) (Org.). **Realizam se hoje em Nova York os funerais do casal Rosenberg**. 1953. Disponível em: <Fonte: http://almanaque.folha.uol.com.br/mundo_21jun1953.htm>. Acesso em: 23 jun. 2019.

GENTER, Robert. "With great power comes great responsibility": cold war culture and the Birth of marvel comics. **The Journal of Popular Culture**, v. 40, n. 6, p. 953-978, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. Editora Atlas AS, 2008.

GORDON, Ian. Comic strips and consumer culture. **Comic Strips and Consumer Culture**, v. 1945-1890, 1998.

GRAMSCI, Antonio. **Americanismo e fordismo**. Universale economica, 1950.

GRIFFITH, Robert. The political context of McCarthyism. **The Review of Politics**, v. 33, n. 1, p. 24-35, 1971.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. À procura de um inimigo. [Entrevista concedida a] José Corrêa Leite. **Teoria e debate**, São Paulo, n. 49, 16 out. 2001. Disponível em: <<https://teoriaedebate.org.br/2001/10/16/especial-11-de-setembro-a-procura-de-um-inimigo/>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

HAMBY, Alonzo L. **Man of the people: a life of Harry S. Truman**. Oxford University Press on Demand, 1995.

HIGGS, Robert. The Cold War economy: opportunity costs, ideology, and the politics of crisis. **Explorations in Economic History**, v. 31, n. 3, p. 283-312, 1994.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Editora Companhia das Letras, 1995.

HOWE, Sean. **Marvel comics: The untold story**. New York: Harper Perennial, 2013.

IKENBERRY, G. John. Realpolitik: A History. **Foreign Affairs**, v. 96, n. 3, p. 155, 2017. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/reviews/capsule-review/2017-04-14/realpolitik-history>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

INTERNACIONALISMO. 2019. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/internacionalismo>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

John F Kennedy Presidential Library and Museum. **The Cold War: From Allies to Adversaries**. Disponível em: <<https://www.jfklibrary.org/learn/about-jfk/jfk-in-history/the-cold-war>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

KISSINGER, Henry. **Diplomacia**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1997, p. 17.

KNOWLES, Christopher. Nossos deuses são super-heróis. **Tradução: Marcello Borges. São Paulo: Cultrix**, 2008.

KRAKHECKE, Carlos André. **Representações da Guerra Fria nas histórias em quadrinhos Batman O Cavaleiro das Trevas e Watchmen (1979-1987)**. 2009. 145 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

LEE, Stan. The Invincible Iron Man. Entrevista concedida a Patrick Archibald. **Ultimate 2-Disc Edition Iron Man DVD**, Estados Unidos da América: Paramount Pictures, 2008. 2 DVD (126 min.).

MCAULIFFE, Mary S. Eisenhower, the president. **The Journal of American History**, v. 68, n. 3, p. 625-632, 1981.

MENDONÇA, Sandro. O complexo industrial-militar. **JANUS 2014-Metamorfoses da violência (1914-2014)**, p. 112-113, 2014.

MITCHELL, Steven E. **Evil harvest: investigating the comic book**, 1948-1955. 1981. Tese de Doutorado. Arkansas State University.

MORAES, Dênis de. **Imaginário social e hegemonia cultural: O imaginário social**. 2002. Disponível em: <<https://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=297>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

NAVARRO, Vicente. Produção e estado de bem-estar: O contexto político das reformas. **Lua Nova**, São Paulo, n. 28-29, p. 157-200, Apr. 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451993000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 jun. 2019.

NIXON, Richard. **RN: the memoirs of Richard Nixon**. Simon and Schuster, 2013.

PARK, David. The Kefauver comic book hearings as show trial: Decency, authority and the dominated expert. **Cultural Studies**, v. 16, n. 2, p. 259-288, 2002.

PASQUALINI, Marcele. **Fordismo: uma análise aplicada aos casos do Brasil e Japão**. 2004. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Economia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A política externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** UFRGS Editora, 2003.

RO, Ronin. Tales to Astonish: Jack Kirby. **Stan Lee, and the American Comic Book Revolution (Bloomsbury, New York)**, 2004.

SCOTT, Cord A.. **Comics and conflict: War and patriotically themed comics in American cultural history from World War II through the Iraq War**. 2011. 327 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Loyola University Chicago, Chicago, 2011.

SIMON, Joe; JIM; SIMON. **Comic Book Makers HC**. New York: Vanguard Productions, 2007.

SIMON, Silvana Aline Soares. De Bretton Woods ao plano Marshall: a política externa norte-americana em relação à Europa (1944-1952). **Relações Internacionais no Mundo Atual**, v. 2, n. 14, p. 24-47, 2011.

TALES OF SUSPENSE. Nova York: Marvel, n. 39, mar.1963

TALES OF SUSPENSE. Nova York: Marvel, n. 40, abril.1963

TALES OF SUSPENSE. Nova York: Marvel, n. 42, jun.1963

TALES OF SUSPENSE. Nova York: Marvel, n. 46, out.1963

TALES OF SUSPENSE. Nova York: Marvel, n. 48, dez.1963

TALES OF SUSPENSE. Nova York: Marvel, n. 49, jan.1964

TALES OF SUSPENSE. Nova York: Marvel, n. 53, mai.1964

TEIXEIRA, Déa Lúcia Pimentel; SOUZA, Maria Carolina A. F. de. Organização do processo de trabalho na evolução do capitalismo. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 65-72, Dec. 1985.. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901985000400007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 jun. 2019.

VICENTI, Leandro Gilbran. **Quadrinhos comerciais e sua representação histórica da política militar norte-americana**.2010. 79 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2010.

WHITMAN, Alden. **Ho Chi Minh Was Noted for Success in Blending Nationalism and Communism**. 1969. Disponível em:

<<http://movies2.nytimes.com/learning/general/onthisday/bday/0519.html>>. Acesso em: 20 jun. 2019